

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Ana Rafaela de Simões Calheiros

**WWOOF Portugal: Dinâmica anfitrião-voluntário em quintas
biológicas e a sua influência no Desenvolvimento Local
Sustentável.**

Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local da
Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutora Maria de Fátima Fernandes das Neves

Arguente: Prof. Doutor Ricardo Jose Espirito Santo de Melo

Orientador: Prof. Doutor Nuno Manuel dos Santos Carvalho

Data da realização da Prova Pública: 10 de Janeiro de 2019

Agradecimentos

Quando ingressei no ensino superior, em 2009, percebi que a minha vida podia ir além de livros, trabalhos e exames, pelo que, terminada a licenciatura, procurei aventuras que me levassem para longe da academia, mas que fossem ao encontro do meu objetivo: gostar de mim mesma e das minhas escolhas.

Contudo, 10 anos de passagens melindrosas e linhas cruzadas, encaminharam-me em busca de um novo trajecto, que guiasse o meu o amor pela educação! Foi assim que me candidatei a este mestrado, pronta para começar uma nova viagem.

Embora a distância seja curta, o alcance desta viagem pode nunca ter fim, e foi graças à persistência da minha Mãe que eu o compreendi. Também tu, Mami, uma apaixonada pela educação, ajudaste-me a ver para além do Agora e a pensar nos muitos futuros possíveis, sempre com uma força, que é só metade da tua!

Ao lado de uma grande Mulher, está sempre um grande Homem e tu, meu Papi, que aceitas, sempre, qualquer decisão minha, puseste em mim o bichinho das viagens, com aqueles dias em que íamos sempre à aventura, por aqui e por ali, para que eu conhecesse mais do mundo e de mim.

E nas muitas voltas do mundo, agradeço-te a ti, Lucas, meu eterno companheiro de viagens, das físicas e das invisíveis, das reais e das sonhadas. Nos momentos em que me senti perdida, estiveste sempre lá para me dar a mão e mostrar o como voltar ao trilho. Somos ondas do mesmo oceano.

À família que me coube e à família que escolhi tenho a agradecer a vossa certeza de que este percurso seria concluído, pois o caminho se faz caminhando.

Porque me fez realizar o grande potencial das viagens dentro de nós próprios e dos locais onde somos, este agradecimento é para si, Professor Nuno. Por toda a inspiração que as suas aventuras me deram, das fotografias às palavras pacientes! Espero que continue sempre esta viagem pelo DLS, nas asas de um Bufo Real!

Por último, e porque o tema deste trabalho me levou por diversos lugares, tenho que agradecer ao Rodrigo Rocha e à Charlotte Brouessard, da WWOOF Portugal, pela sua colaboração, paciência e motivação, assim como aos anfitriões que contribuem, todos os dias, para o aumento da qualidade de vida das suas comunidades.

“O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.” (Saramago, J.in Viagem a Portugal)

WWOOF Portugal: Dinâmica anfitrião-voluntário em quintas biológicas e a sua influência no Desenvolvimento Local Sustentável.

Resumo: O voluntariado foi sempre parte da preocupação social que alimenta a humanidade, tendo-se vindo a verificar uma crescente consciencialização ambiental, que motivam ações em prol do Homem-ecologista. Desta preocupação resultam renovadas formas de ser e estar no mundo, entre elas, a implementação de quintas biológicas, na linha da frente contra as ameaças químicas que comprometem o mundo rural e os ecossistemas que deste dependem.

Aliando o alimento altruísta da humanidade – o voluntariado - com a necessidade de manter esta humanidade alimentada com consciência ecológica, surgiu o conceito de voluntariado em quintas biológicas. Este movimento resultou numa transformação social, ambiental e tecnológica, onde os indivíduos se podem deslocar para várias partes do mundo e trocar a sua ajuda em lides rurais, por acomodação, “repasto” e conhecimentos ecológicos, recorrendo a uma plataforma digital intitulada WWOOF.

A presente investigação pretende compreender a influência dos anfitriões da WWOOF e dos seus voluntários no Desenvolvimento Sustentável dos locais onde se edificam. Para a concretização deste objetivo, optou-se por uma investigação de carácter misto, tendo sido realizada a recolha dos dados no universo dos anfitriões da WWOOF Portugal e na coordenação desta mesma organização, através de inquéritos por questionários e de uma entrevista semiestruturada, respectivamente.

A análise de dados e de conteúdo permitiu-nos concluir que os projetos de agricultura biológica afectos à WWOOF têm um impacto positivo nos locais onde se desenvolvem. Deste modo, contribuem para a melhoria da qualidade de vida das comunidades que os envolvem, atuam sob o epíteto da equidade social, participam numa economia local, preservando a identidade da cultura que os abraça e o ambiente que lhes permite subsistir, numa consciência sustentável.

Palavras-chave: Voluntariado, WWOOF, Desenvolvimento Local Sustentável

WWOOF Portugal: Host-volunteer dynamics in organic farms and their influence on Sustainable Local Development.

Abstract: Volunteering has always been part of the social concern that feeds mankind, and there has been a growing environmental awareness, motivating actions in favor of Man-Ecologist. Regarding the ecological awareness, there were created new ways of being part of the World, that includes the implementation and development of biological farms, at the forefront of the chemical threats that compromise the ecosystems.

In this logic, combining the spiritual and altruistic food of humanity - volunteering - with the need to maintain this humanity fed with ecological awareness, the concept of volunteering in biological farms arose. This movement, although it began with a purpose that served only leisure, quickly became the result of a social, environmental and technological transformation, where individuals can move to various parts of the world and exchange their help for accommodation, meals and ecological knowledge, using a digital platform: WWOOF.

The present research, as a case study, intends to understand the influence of the WWOOF hosts and their volunteers in the sustainable development of the places where their properties stand. In order to achieve this objective, a mixed research nature was chosen, collecting data by the portuguese WWOOF hosts and by the coordination of the same organization, through questionnaire surveys and a semi-structured interview.

Data and content analysis allowed us to conclude that WWOOF's organic farming projects have a positive impact on the sites where they grow. In this way, they contribute to the improvement of the quality of life of the communities and act under the epithet of social equity, the participate in a local economy, preserving the identity of the culture that embraces them and the environment that allows them to subsist, in a sustainable consciousness.

Keywords: Volunteering, WWOOF, Sustainable Local Development

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL DO ESTUDO	5
1.1. Espaço Rural.....	6
1.2. Voluntariado em Portugal.....	10
1.3. WWOOF – Voluntariado em Quintas Biológicas.....	13
1.3.1. Ecoturismo ou Volunturismo?.....	14
1.4. Desenvolvimento Local Sustentável.....	17
1.4.1. WWOOF na senda do DLS.....	22
CAPÍTULO 2 – OS OBJETIVOS E O CAMINHO METODOLÓGICO.....	27
2. 1. Objetivos da Investigação.....	28
2.1.1. Questão inicial.....	28
2.1.2. Questões Orientadoras.....	29
2.2. Opções metodológicas.....	29
2.3. O universo do estudo.....	30
2.4. Instrumentos metodológicos.....	31
2.4.1. Instrumentos de recolha de dados.....	31
2.4.2. Técnicas de análise de dados.....	36
CAPÍTULO 3 – CONTEXTUALIZAÇÃO EMPÍRICA.....	39
3.1. O Conceito.....	40
3.2. Órgãos associativos.....	40

3.3. Anfitriões.....	41
3.4. Voluntários.....	41
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	45
4.1. Nota introdutória	46
4.2. Consciência e objetivos do DLS.....	46
4.2.1. Consciência para o DLS.....	46
4.2.2. Qualidade de Vida e Equidade Social.....	48
4.3. Pré-requisitos e condicionantes do DLS numa <i>Alternative Way of Living</i>	51
4.3.1. Economia local e eficiente.....	51
4.3.2. Preservação ambiental.....	56
4.3.3. Preservação da identidade local	59
4.4. Voluntariado.....	63
4.4.1. Papel dos voluntários para o DLS.....	64
4.5. DLS e a WWOOF Portugal.....	68
4.6. Em síntese: inquéritos por questionário.....	72
4.7. Em síntese: entrevista semiestruturada.....	76
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
APÊNDICES.....	CD
Apêndice 1: Questionário para anfitriões da WWOOF Portugal.....	CD
Apêndice 2: Survey for WWOOF Portugal Host.....	CD

Abreviaturas¹

ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil

CEE - Comunidade Económica Europeia

DGADR - Direcção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural

DLS – Desenvolvimento Local Sustentável

FoWO – Federation of WWOOF Organizations

INE – Instituto Nacional de Estatística

PAC - Política Agrícola Comum

PIB – Produto Interno Bruto

SAU - Superfície Agrícola Utilizada

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WWOOF – World Wide Opportunities on Organic Farms

WWOOFers – Voluntários da rede WWOOF

Índice de figuras:

Figura 1: Explorações agrícolas e superfície agrícola utilizada segundo os Censos....	8
Figura 2: Crescimento da produção biológica em Portugal.....	9
Figura 3: Distribuição dos 1882 WWOOFers por nacionalidades de origem.....	42
Figura 4: Distribuição dos 1882 WWOOFers em Portugal, por género.....	42
Figura 5: Entrada de turistas em alojamentos turísticos coletivos.....	43

Índice de tabelas:

Tabela 1: Guião do inquérito por questionário.....	32
Tabela 2: Guião da entrevista semiestruturada.....	34
Tabela 3: Análise de conteúdo temático à entrevista semiestruturada.....	69

Índice de gráficos

Gráfico 1: Interação com a comunidade local.....	47
Gráfico 2: Anfitriões que desenvolvem projetos com a comunidade.....	48
Gráfico 3: O dia-a-dia na quinta contribui para o aumento da sua qualidade de vida....	49
Gráfico 4: As atividades e produtos da quinta contribuem para o aumento da qualidade de vida da comunidade.....	49
Gráfico 5: Importância e realização de atividades de cariz ambiental.....	50
Gráfico 6: Importância e realização de atividades de cariz sociocultural.....	51
Gráfico 7: Criação de produtos com objetivo de mercado.....	52
Gráfico 8: Disponibilidade dos produtos, para venda, num mercado local.....	53
Gráfico 9: Discrepância entre os preços de produtos biológicos e os restantes produtos.....	54

Gráfico 10: Realização efetiva de trocas de produtos.....	55
Gráfico 11: Realização de compras em mercados locais.....	56
Gráfico 12: Utilização maioritária de bens de consumo biológicos e/ou ecológicos.....	57
Gráfico 13: Transmite, aos voluntários, valores "verdes" e ecológicos.....	58
Gráfico 14: Transmite, à comunidade, valores "verdes" e ecológicos.....	59
Gráfico 15: A quinta WWOOF causa impacto na comunidade local.....	60
Gráfico 16: A comunidade quer integrar a WWOOF Portugal.....	61
Gráfico 17: Comunica com os indivíduos da comunidade.	61
Gráfico 18: Passa "tempo de qualidade" com os indivíduos da comunidade.....	62
Gráfico 19: Realização de ações de preservação de cultura tradicional, por parte dos anfitriões.....	63
Gráfico 20: Os voluntários interagem com o meio ambiental e social.....	64
Gráfico 21: Os voluntários desfrutam os seus tempos livres no meio onde se localiza a quinta.....	65
Gráfico 22: Os voluntários demonstram interesse no património local no início da sua estadia.....	66
Gráfico 23: Os voluntários demonstram interesse no património local no final da sua estadia.....	66
Gráfico 24: Os voluntários demonstram preocupação com o desenvolvimento do local onde a quinta se insere.....	67
Gráfico 25: O DLS é um fator importante para a continuação do projeto como quinta biológica.....	68

INTRODUÇÃO

O presente estudo partiu de uma experiência pessoal, que me acompanha diariamente. Vivo numa quinta biológica, onde, nos últimos cinco anos, tenho recebido dezenas de voluntários, para fazerem parte de uma troca de experiências e conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento do projeto da Casa da Eira dos Nove – uma pequena quinta de experimentação da tradição e recuperação de antigas técnicas de agricultura biológica, num novo mundo gritante pela sustentabilidade.

Este trabalho com voluntários é possibilitado graças à WWOOF Portugal - Associação para a Promoção de Oportunidades Mundiais em Agricultura Biológica, que, através de uma plataforma digital, permite a comunicação entre voluntários e anfitriões – indivíduos que possuem propriedades onde se vive mediante uma ideologia ecológica, biológica e sustentável.

Por conseguinte, uma rotina diária, ainda que com uma contínua troca de interações culturais potenciadas pelos voluntários, num meio social pequeno, pouco habilitado academicamente, mas extremamente rico em tradições, conduziu-me na busca por explicações sobre o fenómeno que acontece, todos os dias, à minha porta.

Casais de S. Clemente, aparentemente uma aldeia como qualquer outra, resiste ao tempo e vê acontecer diversas tradições culturais e ambientais, com centenas de anos, assentes apenas na oralidade, enquanto se trocam serviços e se criam produtos endógenos. Entre estas atividades há, ainda, espaço para se aceitar diferentes culturas, para se aprender novas línguas, saberes, sabores, e para integrar identidades diversas numa aldeia, pacata, com apenas 70 habitantes.

Tendo sido também integrada nesta aldeia, que agora chamo minha, identifiquei uma peculiaridade neste lugar: este convívio com culturas diferentes, remonta à década de 80, do século passado, quando diversos indivíduos estrangeiros se instalaram nesta aldeia e começaram a desenvolver projectos sociais e ambientais, que, desde então, moldam as mentalidades, potenciando uma dinâmica muito rica em diversidade, pouco ou nada expectada numa aldeia cuja média das idades ronda os 60 anos e a escolaridade máxima a 4ª classe.

Ao conhecer outras aldeia e vilas, ao visitar outras quintas biológicas – muitas vezes pertencentes a estrangeiros, residentes de longa data em Portugal – comecei a identificar padrões, observando que estes projetos causam um certo impacto, nos locais onde se

estabelecem. Num primeiro olhar, as mudanças no âmbito ecológico são as mais visíveis, uma vez que, ao não utilizarem produtos químicos, as suas produções recorrem, muitas vezes, a técnicas ancestrais para subsistirem, aumentando a biodiversidade que as envolve. Noutras perspectivas é possível verificar a mudança, quer ao nível económico, como social e cultural. Contudo, todas estas alterações se dirigem num sentido de desenvolvimento, dos locais onde se inserem estes projetos.

Foi, assim, no conceito de Desenvolvimento Local, com a sua vertente sustentável, que comecei a encontrar diretrizes e a verificar que é possível cruzar esta ideologia com o universo das quintas WWOOF, sendo colocada, assim, a primeira pedra deste estudo.

Considerando a viabilidade científica do presente trabalho, foi mantida uma distância pessoal, e procuraram-se respostas no restante universo da WWOOF Portugal, que conta com aproximadamente 170 anfitriões, espalhados por todo o país, em ambientes muito diferentes como o rural, o semiurbano, o interior, o litoral, o continental e o insular. Deste modo, considerando a diversidade do universo, os dados recolhidos e analisados, ao longo desta tese, serão o mais próximo da situação actual, e não de experiências pessoais.

Determina-se, assim, o objetivo principal deste estudo: aprofundar conhecimentos sobre a realidade dos Anfitriões da WWOOF Portugal, considerando o potencial impacto dos seus projetos no Desenvolvimento Sustentável, dos locais onde se inserem.

Sendo necessário abordar diferentes grupos, para se conceber um maior conhecimento relativo às motivações dos anfitriões e a sua influência no Desenvolvimento Local, este projeto idealiza a abordagem mista, que será enquadrada num estudo de caso.

Deste modo, recorrer-se-á à WWOOF Portugal para estabelecer contacto com todos os anfitriões, registados até ao final de 2018. Esta ação irá permitir uma recolha de questionários, para que se quantificar o impacto dos projetos WWOOF e consequentes voluntários, no Desenvolvimento Local Sustentável.

Este estudo procurou, também, o testemunho do coordenador da WWOOF Portugal, para compreender o olhar da organização responsável por criar a ligação entre o local – os anfitriões e o meio que os envolve – com o global – os voluntários de todo o mundo, que se inscrevem na plataforma da WWOOF, para fazerem parte de uma cadeia de ensinamentos ecológicos e sustentáveis.

Na sequência desta recolha, estruturou-se esta investigação em 5 capítulos. O primeiro é relativo ao enquadramento teórico e concetual, que serve de base para a execução do trabalho. Os eixos teóricos desenvolvidos neste capítulo são o espaço rural, o voluntariado e o Desenvolvimento Local Sustentável.

No segundo capítulo são apresentados os objetivos, a questão inicial e as questões orientadoras, a metodologia aplicada, bem como as respetivas técnicas de recolha e análise dos dados obtidos ao longo da realização deste estudo.

O terceiro capítulo refere-se à caracterização empírica da investigação, nomeadamente a estrutura da WWOOF Portugal enquanto organização, com dois tipos de membros: os voluntários e os anfitriões.

O quarto capítulo compila a análise quantitativa dos inquéritos por questionário, realizados a todos os anfitriões da WWOOF Portugal, inscritos até ao final de 2018, dos quais se obtiveram 35 respostas válidas. Esta análise está dividida pelas diversas dimensões do DLS, que começam com a consciência da sua existência, nos seus objetivos de qualidade de vida e equidade social, no pré-requisito de economia local, e nas condicionantes da preservação ambiental e preservação de identidade sociocultural.

Ainda neste capítulo, é analisada, qualitativamente, a entrevista realizada ao coordenador da WWOOF Portugal, Rodrigo Rocha, considerando o olhar da organização pelas dimensões do DLS, referidas anteriormente.

Nas conclusões apresenta-se uma síntese da análise dos resultados obtidos.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCETUAL DO ESTUDO

1.1. Espaço Rural

Para se aprofundar o estudo sobre o voluntariado em quintas biológicas é necessário considerar as transformações socioeconómicas que o Portugal Rural sofreu nas últimas décadas. Deste modo é fundamental estabelecer um limite temporal que nos coloque no pós-Abril de 1974, onde, até então, fora sempre “evidente a preponderância da agricultura e a primazia das orientações produtivas” (Carvalho, 2012, p.6), e o início do século XXI, quando se desenvolve uma visão renovada das potencialidades do meio rural, influenciadas por novas políticas económicas. Considerando estes momentos como balizas temporais é necessário compreender as severas dicotomias sociais e políticas que se foram desenvolvendo e que levaram à profunda transformação do espaço rural.

Durante o Estado Novo, a agricultura terá sido enaltecida como “o segredo da nossa magnífica unidade moral” (Baptista, 1994, p. 911), por se considerar a atividade económica mais forte, recorrendo sobretudo à massa demográfica que se cingia às atividades agrícolas, em detrimento da mecanização, dos produtos químicos e demais pesticidas, que já eram uma realidade noutros países (Baptista, 1994). A relação do português com o espaço rural foi progressivamente aprimorada à imagem da Europa, que respondia à necessidade da crescente população e dos mercados internacionais com a industrialização.

Assim, em 1986, como novo membro da Comunidade Económica Europeia, Portugal aderiu, definitivamente, à PAC – Política Agrícola Comum. Esta política visava a estabilização dos mercados, assegurando preços acessíveis aos consumidores, perante uma ampla oferta de produtos agrícolas. Este objetivo era cumprido através de um aumento da produtividade na agricultura, que advinha de uma política de equidade perante todos os agricultores (Comissão Europeia, 2012). Assim, segundo Baptista (1994), os latifundiários a sul do Tejo e os agricultores familiares, no resto do país, sofreram uma revolucionária mudança, que contava com a “mecanização, o incremento do consumo de adubos químicos, de sementes seleccionadas e de pesticidas, nomeadamente herbicidas” (Baptista, 1994, p.913) a hastearem a bandeira do avanço industrial do país. Contudo, a crescente e “melhorada” produtividade levou a um desequilíbrio entre produção e excedentes, criando uma oferta desmesuradamente maior

do que a necessidade de então, sofrendo, também, repercussões devido ao investimento feito pela CEE, ainda em fase de pré-adesão à PAC (Covas, 2007).

Paralelamente, uma crise de valores sociais ganhou formas, e mais do que influenciar a política e a nova luz da democracia, teve um silencioso impacto nas famílias, sobretudo nos “filhos da revolução de 74”, que se mostraram incapazes de preservar e apreciar o seu património rural e imaterial.

“Ao permitir este empobrecimento cultural os portugueses abdicaram, em grande medida, da sua autonomia económica, desresponsabilizaram-se da sua missão empreendedora e de criação de riqueza, abandonaram as propriedades e a atividade rural, migraram, urbanizaram-se, e, ao mesmo tempo tornaram-se cada vez mais suplicantes de empregos e reivindicadores de salários” (Covas, 2007, p. 229).

Esta crise de valores sociais e de políticas europeias encontrou uma força mediadora na Cimeira da Terra, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. A Política Agrícola Comum sofreu, então, uma reforma, onde o apoio prestado aos mercados evoluiu no sentido do produtor, visando apoiá-lo e contando com a sua preocupação ambiental (Comissão Europeia, 2012). Embora esta medida fosse um pouco contraditória – motivando a redução dos terrenos agrícolas, e consequente produção, mas inserindo-se na vanguarda de um novo período relativo ao mercado único europeu, aberto à livre circulação de mercadorias (Covas, 2007) – coabitava com uma consciencialização ambiental, que motivava diferentes abordagens à disciplinas rurais e tradicionais do nosso país.

Assim, os anos 90, do século XX, foram marcados por novas medidas legislativas de apoio à agricultura biológica, que, segundo António Covas (2007) se centram na qualidade dos alimentos, que vêm o seu processamento e marketing exponenciados, num período que o mesmo autor denomina de “agro-ambiental”. Nesta década, a importância dos produtos endógenos foi realçada e começaram-se a criar mercados para os bens concebidos em Portugal. Contudo, mais uma vez, os valores sociais não motivaram uma evolução favorável, e o país manteve-se numa situação de “banho-maria”, onde não se observaram alterações positivas no índice de empregabilidade, nem nas iniciativas de coesão social e, muito menos, nas ações pró-ambientais (Covas, 2007).

É somente com a Agenda 2000, que se começam a equilibrar os pratos da balança socio-ambiental, quando se começa a apostar na multifuncionalidade do espaço rural, sendo estruturadas novas respostas, que motivam o desenvolvimento de áreas de subsistência tradicionais – pesca, agricultura, silvicultura e pecuária – aliando-as ao turismo, ao desporto, à saúde, etc.

Antevendo a mudança que ainda é esperada, e que talvez só se torne uma realidade prática na senda do Portugal 2020 – Maria das Mercês Covas refere:

“estamos perante dois tipos de agricultura com graduações de intensidade diferenciada: uma agricultura de produção nos primeiros territórios e uma agricultura de conservação nos territórios protegidos. Nos primeiros iremos assistir à prática de uma economia verde intensiva com diversas graduações, nos segundos à prática de uma economia biodiversa de baixa intensidade produtiva” (2007, p. 246)

Os primeiros territórios referem-se à Reserva Agrícola Nacional, e os segundos, naturalmente, dizem respeito à Reserva Ecológica Nacional. Maria das Mercês Covas (2007) acredita que a educação, contínua e massiva, para a sustentabilidade das ações humanas, no ambiente, é o próximo passo para podermos integrar, positivamente, no espectro mundial.

Como referiu, ainda, Nobre (2001) a “ desertificação do espaço rural, expressão sem dúvida das dificuldades sentidas pelos que aí vivem e trabalham, nos meios urbanos – em que se consolida o discurso (da preservação) ambiental – os espaços (rurais), representam um ideal ambiental a conservar” (p. 2), isto é, os indivíduos, tem consciência da importância do meio rural, e daí advêm as muitas iniciativas ecológicas das últimas duas décadas.

Figura 1: Explorações agrícolas e superfície agrícola utilizada segundo os Censos 2011

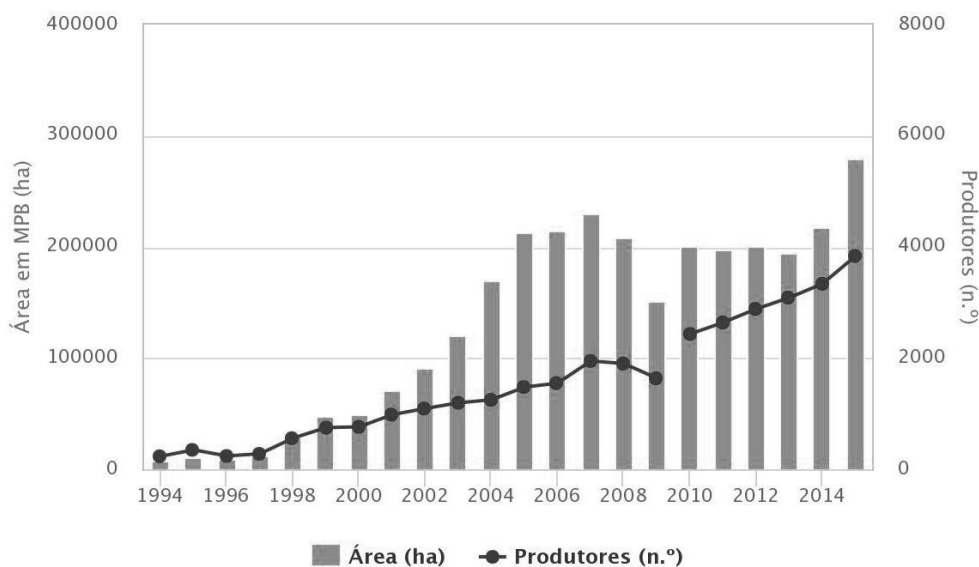
Anos	Exploração agrícola	Hectare (ha)
	Explorações agrícolas	Superfície agrícola utilizada
	Total	Total
1979	784.497	5.182.902
2009	305.266	3.668.145

Fonte: PORDATA (2017)

Considerando as origens rurais, de um Portugal que, após a revolução, mantinha um total de 5.182.902 hectares de área de exploração agrícola, é imperativo desenvolverem-se movimentos alternativos, que potenciem os territórios rurais, e lhes invistam novas roupagens, como medida preventiva para um mundo maioritariamente tecnológico.

Com o consequente aumento de iniciativas de produção em modo biológico, que segundo o Relatório do Estado do Ambiente (REA) de 2016 (que promove uma plataforma digital inovadora e extremamente informativa) terá sido observado, assinalavelmente, desde 1994 até 2007, existindo um abrandamento, marcado por alterações em programas de apoio ao desenvolvimento. Contudo, a Direcção Geral da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (DGADR), também em 2016, divulgou informações que situam o movimento biológico nos 280 181 hectares, o que corresponde a cerca de 10% do valor da SAU (superfície agrícola utilizada) de 2010, como pode ser verificado na Figura nº2, cuja fonte é a própria DGADR.

Figura 2: Crescimento da produção biológica em Portugal entre 1994 e 2014.



Fonte: REA; DGADR (2017)

Nesta lógica, o presente estudo, visa a análise de um estímulo, que se desenvolve em Portugal, desde 2009, que intenta a promoção da agricultura biológica, através de práticas de voluntariado, antevendo a sua influência para o desenvolvimento rural, com práticas locais e sustentáveis.

1.2. Voluntariado

O conceito de voluntariado encontra-se significativamente desenvolvido no meio académico, existindo um número considerável de publicações que refletem questões inerentes à sua prática, como as motivações e as repercussões de atos voluntários. Por conseguinte, a presente revisão bibliográfica dedicar-se-á a uma breve contextualização etimológica e histórica, que suportem a compreensão das bases conceptuais do voluntariado.

Segundo Serapioni et al. (2013), as ações de voluntariado terão tido sempre um papel importante na história da humanidade, considerando que, etimologicamente, este conceito deriva do latim “voluntas” que remete para capacidade de escolha ou tomada de decisão. Estes autores, citando outros, indicam que a primeira utilização do vocábulo em Portugal, terá sido no século XV, com a intenção de denominar algo de carácter espontâneo. Assim, poder-se-á sumariar que um ato de voluntariado é aquele que se pratica de livre vontade. Em Portugal, o conceito de liberdade é indissociável da revolução de 1974, determinando um momento de viragem para as ações voluntárias. O aparecimento de “comissões de trabalhadores e comissões de moradores, clínicas e creches populares, cooperativas nos mais variados setores de atividade, dinamização cultural, reforma agrária, participação na gestão de serviços públicos, etc.” (Serapioni et al. 2013, p. 138) potenciou uma abertura a causas humanitárias, que multiplicavam e estruturavam o livre exercício de cidadania, com a concepção de solidariedade como base sustentadora das ações de voluntariado.

Nas décadas que se seguiram, durante um período político conturbado, em que as ideologias partidárias e a participação cívica ainda se encontravam numa fase de testes - sujeita a ajustamentos, pontuados por manifestações da renovada vontade própria que se fazia sentir – e o Estado-Providência monopolizou a alcançada concepção de voluntariado, dirigindo-a para uma vertente de proteção social, menosprezando outras problemáticas a necessitar de intervenção (Serapioni et al., 2013).

Com a década de 90, do século XX, assistiu-se ao crescimento, em Portugal, mas também por toda a Europa, do terceiro setor – outrora confinado a Santas Casas da Misericórdias e similares – e ao seu consequente reconhecimento. Mais do que ações de voluntariado, esta fação desenvolveu-se “como fonte de emprego e empreendedorismo, capaz de gerar riqueza, promotor da cidadania e da capacitação” (Serapioni et al. 2013,

p. 142), como instrumento de governação, e não de Governo, segundo os mesmos autores. Foi neste momento, que, a par com as motivações ambientais, que levaram Portugal à Cimeira do Rio de Janeiro de 1992, e posteriormente, à adesão de diversos programas da União Europeia para o desenvolvimento (social, ecológico e sustentável), que o país se reinsurgiu e desenvolveu as potencialidades do voluntariado, nos mais diversos níveis de ação (Serapioni et al. 2013).

Dado o background educativo que sustenta esta revisão bibliográfica dever-se-á considerar que, segundo Maria João Marques (2016), o voluntariado se pode compreender em dois tipos de atividades: formais e informais. Assim, relaciona-se o voluntariado formal com todo aquele que é praticado através de grupos ou organizações, e o voluntariado informal associa-se a medidas interpessoais, livres, que não necessitam de regulação exterior.

Esta caracterização do voluntariado é consideravelmente abrangente e, por isso, recorrendo à obra de Delicado (2002), dever-se-á ter em conta determinados “traços biográficos” que se apresentam recorrentes em praticantes de ações voluntárias. Estas características são fulcrais para que se possa construir uma ponte entre voluntários e ações de voluntariado, com base nas motivações e ideologias que movem os voluntários ao encontro do voluntariado. Assim, recorrendo aos resultados do projecto de investigação "Caracterização do voluntariado em Portugal", que decorreu ao longo de 2001, pela mão de Ana Delicado, pode-se enumerar algumas características fulcrais de um indivíduo que se dispõe a voluntariar formal ou informalmente: antecedentes familiares com propensão para a atividade voluntária e a própria prática de voluntariado informal no seio da família ou vizinhança; a participação associativa (associações desportivas e recreativas, grupos religiosos); o tipo de profissão exercida (sobretudo profissões marcadas pelo cuidado dos outros); a crença religiosa; a aptidão natural para a liderança e para a iniciativa; em alguns casos revelaram que o voluntariado ajudava a ultrapassar o próprio sofrimento; finalmente, diversos indivíduos vêem o voluntariado como parte de uma vida ativa após a idade da reforma.

A visão de Delicado (2002) pode-se considerar bastante ampla, ainda que, considerando a temática desta revisão bibliográfica, algo incompleta. Considerando que a área de ação das ações de voluntariado são uma constituinte fundamental da sua tipologia, dever-se-á

considerar que a vertente ambientalista é tão viável para se tomar parte como voluntário, quanto a vertente social.

Por sua vez, Marques (2016), sustentada por diversos autores, sugere que, mais do que mero traço biológico, as motivações sustentam as ações voluntárias.

“Abordada em múltiplos contextos, a motivação é um termo que se relaciona diretamente com a ação humana. É difícil defini-la num único conceito, isto por se tratar de um constructo, sendo utilizada de forma generalizada no âmbito das ciências humanas” (Cunha, Rego, Cunha & Cabral-Cardoso cit in. Marques, 2016).

Deste modo, pode-se considerar que as motivações dependem de diversos pressupostos, que podem variar entre o altruísmo e egoísmo do indivíduo – ainda que nem sempre consciente ou intencional. A estipulação de objetivos pessoais, no percurso humano, é uma realidade, e o voluntariado, que parte só e apenas do sujeito, é uma via viável para a realização dessas metas. Outras motivações partem da necessidade de reconhecimento social ou de pertença, de aprendizagem ou desenvolvimento, visando sempre o equilíbrio entre o bem-estar do voluntário e a receptividade da iniciativa anfitriã (Marques, 2016).

O voluntário que possua alguns dos diferentes “traços biológicos” referidos por Delicado (2002), ou que tenha algumas das motivações referidas por Marques (2016), pode também interessar-se em causas ecológicas; quando o cuidado e a vontade de ajudar são direccionados para um diferente indivíduo, ser ou entidade inumana, a visão das autoras pode perfeitamente adequar-se a esse fenómeno.

Também para a economia esta atividade representa um contributo a nível global. Os indivíduos que oferecem o seu tempo conscientemente disponibilizam à sociedade horas de trabalho voluntário, contribuindo para o PIB de cada país. Em Portugal, um estudo da responsabilidade do Instituto Nacional de Estatística (2012), declara que a contribuição do trabalho voluntário para o PIB nacional será de cerca de 1%, o que nos permite afirmar que, também economicamente, o trabalho voluntário é da maior importância para o desenvolvimento.

Assim, entrelaçando as temáticas desta revisão bibliográfica, pode encontrar uma vasta oferta de ações de voluntariado, cujo primordial objetivo é ajudar os sistemas que

sustêm o planeta terra, entre elas a WWOOF - *World Wide Opportunities in Organic Farms*¹.

1.3. WWOOF - Voluntariado em Quintas Biológicas

Para iniciar este capítulo, será realizada uma breve contextualização histórica, defendida por Alvarez (2010). Sue Coppard, funcionária na *Royal College of Arts*, na Unidade de Pesquisa Têxtil, sentiu que a sua vida agitada em Londres de 1971 necessitava de uma breve licença para se conectar com a natureza, que a ligava à sua infância. Assim, desta sua ânsia surgiu a ideia de publicar um anúncio no jornal local sugerindo a organização de um grupo que, num fim-de-semana, se deslocasse para uma pequena quinta biológica com a finalidade de apoiar no que fosse necessário. Ainda que com poucas aptidões agrícolas, a enorme vontade de ajudar e sair da cidade levou Sue e outras 15 pessoas a três pequenas quintas em Sussex para ajudar nas tarefas diárias que envolvem os indivíduos no trabalho agrícola, durante um fim-de-semana. Após a conclusão desta atividade, os diversos proprietários, agradados com os resultados, questionaram a repetição desta ação. Assim, surgiu a WWOOF. Numa fase inicial esta sigla significou *Working Weekends on Organic Farms*², porém este movimento ganhou uma força imensurável e os fins-de-semana alargaram-se a semanas inteiras e, posteriormente, a vários meses. Desse modo a nomenclatura deste movimento alterou-se para *Willing Workers on Organic Farms*³. Este conceito continuou a crescer e a desenvolver-se, até que a palavra “workers⁴” iniciou alguma polémica, tendo que se alterar para a denominação definitiva *World Wide Opportunities on Organic Farms*.

Esta senda tornou-se mundial, após diversos indivíduos, em diferentes países, contactarem Sue Copper para compreender o processo que a levou a criar a WWOOF e instituírem nos seus países de origem associações sem fins lucrativos que possibilitem a conexão entre voluntários e anfitriões. Assim surgiram associações sem fins lucrativos, que respondem à WWOOF internacional, em 120 países, que desenvolveram plataformas digitais que conectam mais de 30 000 indivíduos anualmente (Maycock, 2008).

¹ Tradução livre: “Oportunidades Mundiais em Quintas Biológicas”

² Tradução livre: “Fins-de-semana de Trabalho em Quintas de Agricultura Biológica”

³ Tradução livre: “Voluntários em Quintas Biológicas”

⁴ Tradução livre: “Trabalhadores”

O *website* que cada país desenvolve estrutura-se em duas vertentes: voluntários e anfitriões. Mediante a postura de cada indivíduo na sua interação com a WWOOF deverá ser preenchido um formulário de inscrição e deverá ser paga uma quota (válida por um ano), cujo valor varia consoante o ator. Na WWOOF Portugal os anfitriões pagam 25€ e os voluntários 15€; este valor será utilizado na manutenção do *website* e para suportar determinados custos que a equipa nacional de coordenadores necessita cobrir no cumprimento das suas funções, como membros fundadores da WWOOF Portugal. (WWOOF Portugal, n.d.)

O conceito da WWOOF é muito simples: os anfitriões oferecem alojamento, alimentação e ensinamentos sobre o modo de vida sustentável e ecológico enquanto os voluntários se dedicam, durante o tempo estipulado (seis horas diárias, seis dias por semana, em Portugal), a prestar apoio às necessidades pré-estipuladas no perfil de cada anfitrião. O tempo que cada voluntário se estabelece numa quinta biológica, dependerá da sua vontade, da comunicação com os seus anfitriões e do harmonioso balanço entre estes dois vectores, pelo que é necessário contato direto e constante entre voluntário e anfitrião, para que sejam cobertas todas as necessidades, naturalmente, existentes nesta relação (McIntosh & Bonnemann, 2006). Afinal, este relacionamento traduz-se num contato inicial, muitas vezes meramente digital, em oposição a qualquer outra relação de confiança estabelecida através do contato presencial. No entanto, baseada na confiança e na investigação dos coordenadores da WWOOF, a dinâmica geradora desta associação funciona e desenvolve-se ano após ano, considerando os relatórios de atividades e a própria experiência partilhada por anfitriões e voluntários nos diferentes fóruns de discussão oferecidos pela plataforma. (WWOOF Portugal, n.d.)

1.3.1. Ecoturismo ou Volunturismo?

Uma problemática inerente ao ato de “fazer WWOOF” advém da concetualidade que se procura dar a esta iniciativa. Os estudos académicos existentes, giram em torno destes dois termos, na vã esperança de justificar as motivações dos anfitriões e dos voluntários. Contudo, os diversos artigos recolhidos transparecem a realidade dos Estados Unidos (Yamamoto & Engelsted, 2014) – um grande país, onde será difícil realizarem-se assunções transversais a todos os anfitriões – e da Nova Zelândia (McIntosh & Bonnemann, 2006) – um arquipélago, que detinha, à data do primeiro estudo de

McIntosh em 2001, 613 anfitriões, espalhados pelas diversas ilhas. Contudo, para o estudo foram apenas entrevistados 12 anfitriões; que, embora tenha sido considerado um estudo qualitativo e por isso pretenda só compreender o caso específico deste nicho, não pode dar informações reais sobre a realidade total da Nova Zelândia. Outros estudos, de menor impacto, terão analisado a realidade WWOOF em países nórdicos e na Europa Central; porém, foi encontrada uma tese desenvolvida na Noruega, por uma aluna americana, Mary Ann Alvarez (2010) intitulada: “*World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF): Expectations of Hosts and Volunteers*”⁵. Este estudo procurou investigar um maior contexto empírico, e, através de uma entrevista, semiestruturada, partilhada de forma *online*, terá procurado analisar anfitriões e voluntários de todo o mundo. Embora bem-intencionado, este estudo revela várias falhas conceptuais, como por exemplo, a exigência de entrevistar apenas indivíduos que se expressem em inglês. Dado que esta não é língua materna da maior parte destes sujeitos, realizar uma entrevista semiestruturada, por escrito, pode revelar-se uma limitação, que põe em causa a validade interna deste estudo. Também o facto de recolher apenas 27 entrevistas, de anfitriões, quando existem 120 países onde o WWOOF é uma realidade, permite apenas que a análise não se generalize à realidade mundial, ambicionada por Alvarez (2010).

Como foi já referido anteriormente, a escassez de estudos académicos, relativos a esta temática, condiciona a análise desta iniciativa a duas grandes questões: será o WWOOF uma atividade de ecoturismo ou de volunturismo?

Segundo, McIntosh e Bonnemann, (2006), as atividades de ecoturismo vão ao encontro de “*commercial farm stays*”⁶, que em tudo são idênticas à WWOOF no que concerne a troca de experiências rurais, num ambiente biológico e sustentável, mas que, paralelamente, se aduiteram do conceito de voluntariado quando envolvem trocas monetárias, em detrimento da troca de serviços que sustenta a ideologia da WWOOF. Os indivíduos que aderem ao ecoturismo são somente turistas, que apreciam os meios rurais, considerando-os “*espaços impregnados de formas de ser e de estar próprias de um determinado espaço físico e social, i.e., genuínos.*” (Silva, 2007 p.152), onde pode

⁵ Tradução livre: “Oportunidades Mundiais em Quintas Biológicas: Expetativas dos Anfitriões e Voluntários”

⁶ Tradução livre: “Estadia em quintas de produção”

desenvolver atividades de lazer, por um custo determinado, muitas vezes inferior, quando comparado com outras formas de turismo.

McGehee e Santos (2005) sustentam esta premissa, quando referem que o ecoturismo será, apenas, um ancestral do volunturismo, na medida em que se desenvolveu um pouco por todo o mundo na década de 90, como uma forma de viajar a preços mais económicos, enquanto se aproveitavam as características de determinado lugar ou projeto. Esta expansão terá causado diversos problemas como uma das autoras enunciou:

“ dependency and continued neo-colonialism of at-risk populations; mismanagement of human, physical, social, and financial resources; poor project work conducted by volunteers; a reduction in employment for local people; and lack of communication among the various stakeholders⁷” (McGehee, 2014, p.848).

Por sua vez, o volunturismo ou turismo voluntário, desenvolve-se no presente século, como uma forma de participação na comunidade internacional, através de ações altruístas e, paralelamente, que visem o entendimento cultural (McIntosh & Bonnemann, 2006). Segundo o *website* do volunturismo internacional, este conceito pode-se definir como: “The conscious, seamlessly integrated combination of voluntary service to a destination and the best, traditional elements of travel — arts, culture, geography, history and recreation — in that destination”⁸, isto é, o volunturismo é uma mera combinação de atividades realizadas de livre vontade, favorecendo uma entidade, com o lazer – com todos os D’s de Dumazdier.

Na lógica destes dois pontos de vista, o volunturismo evolui em relação ao ecoturismo, quando acrescenta os valores altruístas em “perfeita” simbiose com o descanso, o divertimento e o desenvolvimento, mas levanta questões éticas, relacionadas com o verdadeiro propósito da WWOOF.

⁷ Tradução livre: “a dependência e continuado neocolonialismo de populações em risco; má administração de recursos humanos, físicos, sociais e financeiros; trabalho de projeto deficiente conduzido por voluntários; uma redução no emprego para a população local; e falta de comunicação entre as várias partes interessadas”.

⁸ Tradução livre: “A combinação consciente e perfeitamente integrada do serviço voluntário com um destino e os melhores elementos tradicionais de viagem - artes, cultura, geografia, história e recreação - nesse destino”, <http://www.voluntourism.org/>, acedido a 16 de Julho de 2018.

Alvarez (2010) reúne os principais objetivos da WWOOF internacional, recorrendo às informações, ainda atuais, do *website*, e conclui que a WWOOF pretende (1) fornecer experiência sobre o modo de produção biológico, e todas as atividades inerentes a uma forma de vida sustentável, (2) fornecer experiência de vida no meio rural, (3) ajudar o movimento orgânico que é intensivo, em mão de obra, e independente de fertilizantes artificiais, herbicidas ou pesticidas, (4) dar às pessoas a oportunidade de conhecer, falar, aprender e trocar experiências, e (5) proporcionar oportunidades de aprendizagem sobre a vida no país anfitrião, através do trabalho conjunto.

O volunturismo pressupõe a participação em determinados projectos, substituindo a preocupação pela compreensão e mudança de condições pré-existent (Sharzer, 2011), acabando por atrasar o desenvolvimento dos movimentos sociais, dependentes de *skills*⁹ e outros conhecimentos específicos.

Corroborando todas as premissas anteriores, encontra-se Yamamoto e Engelsted (2014) que, embora tenham cingido o seu estudo a um universo relativamente pequeno, definem que as motivações dos voluntários são, maioritariamente, relacionadas com a analogia do volunturismo, criando, frequentemente, expectativas irreais, que resultam em adversidades.

Deste modo, é possível compreender que os objetivos da WWOOF, embora semelhantes aos do movimento de volunturismo, têm um foco muito específico no vocábulo “trabalho”, que reflete, plenamente, a natureza desta iniciativa. Embora se pretenda que exista uma relação horizontal entre voluntários e anfitriões, é importante pensar o WWOOF, como um trabalho voluntário, noutra país, escapando dos rótulos idealizados pelos diferentes estudos, pois, embora exista espaço para a troca cultural e o divertimento, o voluntariado em quintas biológicas é caracterizado pelo trabalho rural e pela troca de experiências biológicas e sustentáveis. (Miller, 2015)

1.4. Desenvolvimento Local Sustentável

Para o presente estudo é fundamental construir uma definição de Desenvolvimento Local Sustentável (DLS), uma vez que existem vários autores que contribuem para esta

⁹ Tradução livre: “habilidades”

temática, sendo necessário encontrar pontos comuns, a partir dos quais seja possível desenvolver esta investigação.

“A análise do desenvolvimento tem sido alvo de sucessivas alterações, passando de entendimentos mais estritos até noções mais abrangentes. Também esta evolução decorreu por “fases”, sendo desenvolvimento, na primeira, identificável com crescimento económico e posteriormente aproximado a categorias mais ligadas a aspectos qualitativos e sociais” (Chaves, 1994, p.99).

Deste modo, é necessário compreender a origem deste conceito, sendo fundamental recordar o relatório “*Our Common Future*”, reconhecido como Relatório de Burndtland, resultado da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1987, que sumaria este tema, definindo Desenvolvimento Sustentável. Esta precursora definição afirma-se como um processo que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras na senda pela satisfação das suas próprias necessidades. É possível verificar-se, neste relatório, que a maior preocupação enfatiza o meio ambiente, uma vez que é este que sustem a humanidade, e sem a sua preservação, não é possível perpetuar-se o desenvolvimento económico, político, tecnológico e cultural, inerentes à condição humana.

Cinco anos após esta assembleia, em 1992, deu-se outro marco histórico para a consciência ecológica dos indivíduos: a Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, posteriormente reconhecida como ECO-92 ou Cimeira da Terra. Neste evento estiveram envolvidos 176 países, que analisaram o tema do ambiente, atendendo à severidade dos problemas ecológicos, que padecem de uma intervenção global, por afectarem todo o planeta: “A perda de biodiversidade, as chuvas ácidas, o aumento do efeito de estufa e a destruição da camada de ozono são questões globais que não afetam uma só região ou país e, como tal, devem ser resolvidas em comum por toda a humanidade.” (Carvalho & Borges, 2017, p.9).

Neste momento cronológico, o conceito de Desenvolvimento Sustentável abarcava apenas duas dimensões: a económica e a ambiental, contudo após “a realização da Cimeira Social de Copenhaga, em 1995, foi integrada a vertente social como a terceira dimensão do conceito em análise. A sua implementação passa, assim, a realizar-se com

base em três dimensões essenciais: o desenvolvimento económico, a coesão social e a proteção do ambiente." (Carvalho & Borges, 2017, p.11).

Contudo, num mundo onde as distâncias geográficas e económicas são cada vez mais curtas e os limites físicos dos seres humanos procuram sempre acompanhar esta distância, existe um confronto entre “os limites e as restrições naturais (subsistema ecológico) da economia, na medida que uma natureza finita não poderia suportar um processo infinito de expansão da população e da economia” (Carvalho, 2009 p. 81). Assim, considera-se necessário a aplicação deste sistema a uma escala local, onde é possível acompanhar todas as relações que representam o Desenvolvimento Sustentável na sua índole categórica, nas dimensões social, económica, cultural e ambiental.

Enfatizando a existência de uma correlação entre as dimensões do DLS, referidas anteriormente, é entendido que este processo só resultará se todas estas ligações se mantiverem dinâmicas e funcionais entre si.

Assim, se considerarmos a dimensão social é evidente que esta é indissociável da vertente cultural. Perspectivando a contenda da globalização, num mundo que anseia pela multiculturalidade, mas que privilegia, fortemente, o tradicional (Ramos, 2001), é fulcral destacar a iniciativa da população local na relação com projetos colectivos para se ultrapassarem as questões políticas e económicas (Carvalho, 2009). Também é necessário, na ótica de Buarque (1999), olhar o Desenvolvimento Local e a Globalização como duas forças opostas mas complementares. Por um lado, num mundo cada vez mais curto em distância, assiste-se à construção de uma economia mundial, que agrega e assimila complexas teias do desenvolvimento económico. Por outro lado, “surtem novas e crescentes iniciativas no nível local, com ou sem integração na dinâmica internacional, que viabilizam processos diferenciados de desenvolvimento no espaço” (Buarque, 1999, p.12).

Desta forma, cruza-se a relação social e cultural com a económica, que, segundo Roque Amaro (2005), resulta “da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas.” (Amaro, 2005, p.4). Esta economia local prevê a dissipação das desigualdades sociais, através da criação de emprego e de novas oportunidades – muitas vezes ligadas ao associativismo e demais “exercícios para a aquisição da capacidade de tolerância e gestão de diferentes interesses em permanente cooperação” (Mortágua, 1998, p. 20) – que permitam “abarcam a viabilidade dos espaços

sociais locais, para os quais a manutenção de ambos, a atividade económica e o ambiente, são cruciais” (Veiga, 2005, p. 80). Ainda na lógica de Veiga (2005), associamos o ambiente e a sua preservação à economia, que, se outrora se focava apenas na utilização dos recursos, mas, num pensamento local, viabiliza este meio natural como um atributo específico de cada lugar, mediante o qual é possível definirem-se “estratégias de valorização e desenvolvimento económico e social” (Veiga, 2005, p.80).

Considerando esta simbiose, que fomenta a criação de micro ligações entre os diferentes universos do meio local, é na obra de Buarque (1999) e na sua interpretação por parte de Carvalho (2009) que se elabora uma estrutura deste processo que é o DLS. Deste modo, podemos afirmar que este processo visa uma mudança na sociedade, atendendo à igualdade de oportunidades para todos os indivíduos e potenciando um crescimento económico eficiente, conjugada com a preservação do ambiente. (Buarque, 1999). Atendendo a estas fases do processo do desenvolvimento, podemos dividi-las em três conjuntos: os objetivos, os pré-requisitos e as condicionantes.

Relativamente aos objetivos do DLS, podemos considerar o aumento da qualidade de vida e a equidade social como foco central das ações motivadoras do desenvolvimento, com uma visibilidade a médio e longo prazo. A qualidade de vida pode ser considerada um conceito genérico, dependendo e fazendo depender diversas variáveis, enquanto a equidade social pressupõe "que toda a população tenha acesso aos recursos necessários para a satisfação de suas necessidades básicas" (Sachs, 1990).

Já o crescimento económico, de ação local, representa o pré-requisito fundamental para se cumprirem os objetivos definidos anteriormente, uma vez que, numa sociedade de consumo, como é a actual, seja imprescindível esta dimensão. Caso não existisse uma economia eficiente e local, o conceito de DLS ficaria completamente destruturado. (Buarque, 1999)

Por último é fundamental referirem-se os condicionantes do DLS; por um lado “a conservação ambiental é um condicionante decisivo da sustentabilidade do desenvolvimento e da manutenção no longo prazo, sem a qual não é possível assegurar qualidade de vida para as gerações futuras e equidade social de forma sustentável e contínua no tempo e no espaço” (Buarque, 1999 p.32). Por outro lado, é considerado, na presente investigação, outro condicionante, que é decisivo na questão local do Desenvolvimento Sustentável: a identidade local. “O que caracteriza um local é,

fundamentalmente, a sua identidade, a sua maneira de ser (o seu “*way of life*”¹⁰), poderíamos dizer, alargando bastante a extensão do conceito designado por tal expressão)” (Franco, 2003, p. 166). Logo, na óptica deste autor, a identidade é uma característica do local, bem como o meio natural que o envolve, podendo ser criada uma ligação entre conceitos, permitindo a percepção de identidade local, como condicionante do DLS. Este condicionante pode ser representado por muitas expressões, que requerem preservação, uma vez que funcionam como unificador de saber e cultura, inerentes a determinado lugar, e que o identificam como uno e irrepetível. Dia 17 de Outubro de 2003 foi aprovada a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial no decurso da 32ª Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Nesta conferência foi assegurada a importância da preservação do património imaterial, o qual é “transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana” (UNESCO, 2003, p.2).

Esta dimensão é defendida, também, na obra de Sachs (2002), que enumera oito critérios de sustentabilidade, semelhantes às dimensões do Desenvolvimento Sustentável dos autores anteriores: 1) social, que se destaca como a finalidade do desenvolvimento; 2) ecológica, do ponto de vista da preservação; 3) ambiental, no âmbito da ultimação sustentável das capacidades do meio; 4) económica, equilibrada e autónoma; 5) política (nacional), promovendo a coesão e a equidade social; 6) territorial, para uma distribuição de atividades e populações de uma forma consciente; 7) política (internacional), para manter a paz, entre todas as espécies e o meio; e 8) cultural, que exprime a autoconfiança com abertura para o resto do mundo, em mudança e transformação.

Considera-se, assim, fundamental a preservação da identidade local, cultural e imaterial, por se tratar de uma dimensão específica, que se interliga com as restantes partes do processo do DLS, e que padece de uma energia própria – muito ligada às gerações passadas – sem a qual não poderia ser construído o presente, nem pensadas as gerações futuras.

¹⁰ Tradução livre: “estilo de vida”

Em suma, o DLS pode ser considerado um sistema de relações, que responde às necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras, que visa a qualidade de vida e a equidade social, partindo de uma economia eficiente, preferivelmente local, e que promova a preservação da identidade local, cultural e imaterial das populações, bem como a preservação do meio ambiente, berço deste processo.

1.4.1. WWOOF na senda do DLS

O mote orientador da WWOOF é muito claro quanto ao impacto desta iniciativa no mundo: *think global, act local*¹¹ sendo o ponto de partida para uma análise da influência da WWOOF para o DLS.

Entre os escassos estudos académicos que refletem a realidade do voluntariado em quintas biológicas, nenhum reforçou o seu impacto nas iniciativas locais, inerentes à localização das diversas quintas biológicas que fazem parte desta imensa rede. Yamamoto e Engelsted (2014) estabelecem uma comparação entre a localização das quintas WWOOF e os principais mercados, referindo que este não é um fator determinante para a continuidade dos projetos WWOOF. Tal facto deve-se, na sua perspectiva, à intervenção de auto-subsistência realizada por cada quinta. Este fator alia-se a um dos pilares orientadores do voluntariado e da própria organização, que se sumaria na sua própria concepção: sem fins lucrativos.

Contudo a questão da economia social gera um *loophole*¹² que destabiliza a própria relação entre organização e seus associados: se um Anfitrião WWOOF pagou a sua certificação biológica e deseja vender os seus produtos certificados numa pequena escala local, não pode fazê-lo? Tem que deixar de receber voluntários, com os quais partilha experiências e oportunidades de integrar o movimento biológico?

Segundo Campos (2005), ao se referirem organizações que não atuam por razões de lucro económico e que têm por principal objetivo a servência dos indivíduos, evoca-se o conceito de economia social. A WWOOF manifesta, na sua índole, três vectores fundamentais, enunciados por Campos (2005) e complementados pela lógica de Miller (2012): 1) a produção de bens ou serviços, que no caso da WWOOF se traduz pela

¹¹ Tradução livre: “pensar global, agir local”

¹² Tradução livre: “brecha”

gestão da plataforma onde anfitriões e voluntários interagem, bem como a ação dos seus membros que agem localmente produzindo de forma biológica e contribuindo para a determinados trabalhos nas suas comunidades; 2) promoção de cidadania, diretamente ligada com a educação da associação para com os seus membros e destes para com as comunidades onde se inserem, gerando, numa primeira instância conhecimento ambiental (Miller, 2012); e 3) o interesse pela comunidade, que, como se pretende verificar com a presente investigação, será uma vertente ainda pouco estudada no âmbito da WWOOF, mas que se desenrola naturalmente nos meios onde os projetos se desenvolvem, como afirma Miller (2012).

Considerando o estudo de Miller (2012), é necessário acrescentar outro conceito: ecodesenvolvimento. Esta noção “foi proposta por F. Strong, em reunião da UNEP em 1973. Na sua versão original, o termo destinava-se a designar um processo de desenvolvimento em que se apelaria a uma utilização racional dos recursos locais e ao «savoir faire» rural” (Chaves, 1991, p.105). A evolução deste conceito dirigiu-se, sobretudo, para a consciencialização das problemáticas particulares de cada eco região, considerando as suas vertentes ecológicas, mas também culturais, numa perspectiva imediata e, também, a longo prazo. Mais tarde, enquadrado em diferentes estudos, englobou também os objectivos económicos, numa tentativa de harmonização de todas as dimensões (Chaves, 1991). Embora esta construção ideológica se possa identificar com os objectivos da WWOOF, é fundamental considerar-se a transformação do ecodesenvolvimento, *side by side*¹³ com o Desenvolvimento Sustentável, que aborda outras dimensões, particularmente ligadas à noção de preservação, complementando a noção de harmonização do ecodesenvolvimento.

Assim, na lógica de Carvalho (2009), outro dos pilares do DLS é a solidariedade, horizontal às bases do voluntariado, e por isso, alicerce de uma comparação entre ambas as motivações. Se por um lado as iniciativas de Desenvolvimento Local visam uma relação de parceria entre os atores, por outro lado o voluntariado potencia a presença de mais atores em determinado local, que trazem diferentes culturas e experiências, adequadas a uma intervenção nos locais, permitindo a projecção de “futuros alternativos, criados a partir destes contextos” (Carvalho, 2009, p. 84).

¹³ Tradução livre: “Lado a lado”

Retomando à premissa inicial, que sugere o global como base do Desenvolvimento Local, sugere-se uma reflexão sobre a obra de António Covas (2008), que vai mais longe e sugere que a atitude deverá ser Glocal, centrada numa estratégia que represente o novo mundo rural. Assim, é possível estabelecer uma comparação entre a ação das quintas WWOOF, que contemplam uma renovada realidade rural, “uma mistura de passado, presente e futuro, nos limites da tecnologia e da cultura agro-alimentar” (Covas, 2008 p.9), que possibilita diversas abordagens ao desenvolvimento do meio em que se inserem. A própria troca cultural, entre voluntários e anfitriões, permite a criação de uma rede de influências, uma vez que “desenvolvimento sem uma rede de co-desenvolvimentos é tão impossível para uma economia como para um desenvolvimento biológico. Que desenvolvimento é um processo aberto que produz diversidade crescente, além de numerosas, múltiplas, intrincadas relações crescentes de co-desenvolvimento” (Franco, 2008, p.36). Se um voluntário se desloca para um país estrangeiro, com a intenção de desenvolver práticas biológicas e sustentáveis na quinta que o irá acolher, está, efetivamente, a originar mudança e a melhorar as condições de vida desse local. Uma vez que as quintas biológicas se inserem, no caso português, num contexto rural, as ações dos voluntários entrarão em simbiose com as muitas mudanças necessárias para se “abandonar o modelo dominante baseado na esgotabilidade e na contaminação (...) para, progressivamente se desenvolver uma bioregeneração e depuração ecológica (aumento da floresta biodiversiva, bioregeneração da água, criação de ecotransportes e da bioconstrução)” (Rodrigues, 2007, p. 2).

Esta troca cultural apresentar-se-á, ainda, ao serviço de uma identidade do local, uma vez que cada quinta WWOOF se encontra ligada às condições geográficas, sociais, económicas e ambientais de determinado lugar, único e existindo “na medida em que é percebido como tal, tanto pelos seus integrantes quanto pelos que a ele não pertencem (ou não reivindicam pertencer).” (Franco, 2006, p. 116). Cria-se, assim, a construção de um colectivo, ainda que pautado por premissas de “nosso” e “deles”, onde estes projetos se inserem em locais com história e património próprios e acrescentam *nuances* de informação identitária completamente diferentes, contribuindo para uma criação imitável de unidades de cultura, fundamental ao desenvolvimento das comunidades. (Franco, 2006).

Considerando Amaro (1998), o Desenvolvimento Local em Portugal transparece em inúmeros projetos, que primam pelas suas qualidades diversas e diferentes interações

com o meio onde atuam. Contudo, este autor especifica uma série de características comuns que se encontram presentes nas iniciativas de Desenvolvimento Local em Portugal, e que se coadunam com o trabalho desenvolvido pela WWOOF. E são elas:

- a) “São projetos de base territorial, ou seja privilegiam a sua pertença e a sua incidência local/comunitária;
- b) São projetos que valorizam a participação das populações e que pretendem suscitar e mobilizar as capacidades de iniciativas existentes nas comunidades locais;
- c) Têm, em geral, como objetivo o desenvolvimento integrado, abarcando várias áreas de intervenção, articulando diferentes grupos e sectores e pressupondo uma abordagem interdisciplinar;
- d) Privilegiam as zonas mais marginalizadas das sociedades actuais (zonas rurais, zonas suburbanas, degradadas, desempregados, crianças e jovens, idosos, reformados, deficientes, mulheres isoladas, minorias étnicas, etc.);
- e) Apresentam soluções inovadoras” (Amaro, 1998, p.61).

Desenvolvendo a visão de Amaro (1998), é possível identificar as diversas características enunciadas na acção da WWOOF Portugal, considerando, sobretudo, a abordagem inter e multidisciplinar dos projetos por esta representados, uma vez que um dos principais objetivos da WWOOF é a troca cultural e de conhecimentos, depreendendo a multiculturalidade dos voluntários e a multidisciplinariedade dos anfitriões e dos projetos desenvolvem. As restantes características não estão diretamente patentes nos objetivos estipulados nos estatutos da WWOOF Portugal Associação, contudo, se considerarmos os objetivos e as motivações dos anfitriões podemos verificar que as características enunciadas por Amaro, vão ao encontro das mesmas. Assim, tendo em conta a base territorial dos projectos – que se tratam de quintas estáticas e inseridas num local com carga identitária – a sua acção inovadora, ecológica e ambiental, a localização marginal – em zonas rurais ou semiurbanas – e o contacto com as populações locais (Miller, 2012), é possível afirmar que as iniciativas individuais da WWOOF podem ser consideradas iniciativas de Desenvolvimento Local.

De uma forma algo romantizada, pode-se encontrar nas quintas WWOOF o cenário ideal para que aconteça mudança à escala local, uma vez que a mão-de-obra voluntária

se insurge como um instrumento ávido de conhecimento e experiências biológicas, e a própria localização e motivação dos anfitriões se encontra ao serviço do DLS.

CAPÍTULO 2 – OS OBJETIVOS E O CAMINHO METODOLÓGICO

2.1. Objetivos da Investigação

Para se encontrar o modelo teórico ideal para a concretização de um trabalho de investigação, é necessário considerar os objetivos finais da mesma. O presente estudo, atuando em dois universos distintos, visa proporcionar a compreensão da importância do voluntariado, junto de organizações ou particulares que pretendam coadunar o seu estilo de vida à produção biológica e demais indivíduos que desempenhem nestes organismos o papel de voluntários, como contributo para o DLS.

Assim, para a evolução deste estudo sobre o impacto do voluntariado em quintas biológicas no que concerne o Desenvolvimento Local, considera-se:

- Relacionar as motivações dos anfitriões WWOOF com ações de DLS;
- Conhecer a visão da Associação WWOOF em Portugal, escrutinando dificuldades e feitos positivos, sobre a sua influência no DLS.

2.1.1. Questão Inicial

Na lógica de Quivy e Campenhoudt (1998), uma questão inicial deve ser clara, exequível - realista e operacional – bem como, pertinente, possibilitando a maior compreensão possível da realidade. Neste sentido, a questão inicial considerada assume-se como:

O papel dos diversos atores da WWOOF Portugal no DLS

Para o presente estudo torna-se fundamental compreender a dinâmica existente entre os diferentes intervenientes na tríade: voluntário – anfitrião – organismo mediador, para que se possa apurar a sua importância nos diversos ramos do DLS. É, por isso, essencial conhecer e analisar a posição dos anfitriões WWOOF em Portugal e a perspetiva da Associação face à vasta quantidade e diversidade de voluntários que todos os anos chegam a Portugal, com o intuito de participar ativamente na transformação inerente ao dia-a-dia de uma quinta biológica.

Ademais, é, também, uma linha fundamental deste estudo a recolha de concetualizações em relação ao DLS, na relação quintas-meio, para se compreender a importância desta cooperação para os anfitriões e para a Associação, uma vez que são os atores “locais”,

que podem beneficiar a longo prazo com os resultados do Desenvolvimento Sustentável expectável.

2.1.2. Questões Orientadoras

Seguindo a linha de pensamento do ponto anterior, torna-se necessário desenvolver a questão inicial, compilando-se uma série de questões orientadoras, que permitem o desenvolvimento da problemática:

- O que é a WWOOF Portugal?
- Quantos anfitriões existem em Portugal Continental?
- Quais são as principais necessidades dos anfitriões WWOOF nas suas quintas?
- Em que medida se relaciona a WWOOF Portugal, enquanto associação, com os anfitriões e com os territórios?

2.2. Opções Metodológicas

O trabalho apresentado resultou da combinação de técnicas afectas à investigação qualitativa e quantitativa, traduzindo-se numa abordagem mista, que, por sua vez, minimiza as limitações próprias de cada metodologia, garantido uma mais complexa, que se coaduna com as diferentes áreas de pesquisa (Creswell, 2014).

Considerando Neuman (2014), é passível de se afirmar a índole descritiva deste estudo, pois foi tida, como ponto de partida, uma ideia sobre um determinado fenómeno social – o voluntariado em quintas biológicas – e desenvolveu-se o conteúdo, colmatando uma necessidade de dar a conhecer a realidade que envolve esta temática.

O presente trabalho propõe a triangulação metodológica dos dados, uma vez que, e ainda segundo a autora Judith Neuman (2014), numa representação inerente às ciências sociais, se pode aprender mais observando múltiplas perspectivas, do que tendo apenas uma em consideração.

Assim, é importante considerar a abordagem qualitativa, uma vez que esta permite descrever e analisar um determinado contexto, realçando a importância da sua compreensão.

Já a abordagem quantitativa permite fazer a descrição dos resultados através da análise estatística dos dados obtidos. Deste modo, estas abordagens podem complementar-se uma à outra e podem ser integradas na prática da pesquisa social (Neuman, 2014).

Esta investigação caracteriza-se, relativamente à sua tipologia, como um estudo de caso, uma vez que, de acordo com Yin (2001), investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto real, abrangendo uma lógica de planeamento que incorpora uma abordagem específica nos instrumentos de recolha e análise de dados. Deste modo, a investigadora optou por se trabalhar com o comportamento dos anfitriões WWOOF, com a opinião do antigo coordenador da WWOOF Portugal e com a pesquisa bibliográfica e documental, que tende a realçar a visão dos WWOOFers, beneficiando-se, assim, “do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados” (Yin, 2001, p.33).

Tendo sido seleccionados os eixos temáticos desta investigação e o universo do estudo, construíram-se os instrumentos de recolha de dados – guião do inquérito por questionário e guião de entrevista semiestruturada – para que se pudesse criar uma simbiose entre a análise estatística, inerente à investigação quantitativa, e a análise de conteúdo, afecta à abordagem qualitativa.

2.3. O Universo do Estudo

Considerando os mais atuais dados da WWOOF Portugal, a 20 de Outubro 2018, existem 174 quintas biológicas, sendo que 165 se localizam em Portugal continental e que a sua distribuição tem maior afluência no Centro do país (50 quintas registadas) e no Algarve (40).

Assim, e por se tratarem dos atores centrais na senda do Desenvolvimento Local, consideraram-se todas as quintas biológicas inscritas na WWOOF Portugal, até Agosto de 2018. Consideraram-se, por isso, as nove quintas insulares que, devido às suas condições geográficas específicas, não são discutidas aprofundadamente neste estudo,

mas por receberem um fluxo considerável de voluntários são também importantes focos do Desenvolvimento Sustentável nas ilhas portuguesas.

Deste modo, foram 168 quintas, as inscritas até Agosto de 2018, o cerne da análise quantitativa, uma vez que representam a totalidade de entidades que potenciam práticas que contribuem para o Desenvolvimento Sustentável, na áreas onde se inserem.

Do ponto de vista qualitativo, considerou-se o parecer do fundador da associação WWOOF Portugal, para fundamentar questões inerentes ao contexto da temática escolhida.

Seguidamente são explicitados os procedimentos relativos à recolha e tratamento dos dados.

2.4. Instrumentos Metodológicos

2.4.1. Instrumentos de Recolha de Dados

Pesquisa bibliográfica e documental

Este instrumento permite definir os eixos temáticos e justificar, através da pesquisa documental, o contexto empírico. No caso deste estudo, foi possível avaliar o estado da arte, e compreender a lacuna de informações relativa a esta temática, por se tratar de um assunto peculiar, face a outras vertentes da academia. Assim, recorrendo à pesquisa bibliográfica, foi possível compilar diversas obras sobre voluntariado, meio rural e DLS, analisá-las, sobrepô-las e triangulá-las, para que pudessem ser complementadas pela pesquisa documental, inerente à WWOOF enquanto associação portuguesa.

Estes conhecimentos potenciam uma reflexão mais informada, relativamente ao tema abordado, contribuindo para uma melhor aplicação dos diferentes instrumentos de recolha metodológica.

Inquérito por questionário

No caso do presente estudo, o questionário foi considerado “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas

por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi, Lakatos 2003, p. 201), que procura apurar respostas relativas à caracterização dos anfitriões da WWOOF de Portugal. Através deste instrumento, pretendeu-se apurar o impacto dos anfitriões no desenvolvimento do território onde se inserem.

Este questionário foi realizado através da base de dados da Associação WWOOF Portugal, e foi enviado para os 168 anfitriões activos (no momento do envio deste documento a 7 de Julho de 2018), através do *e-mail* geral deste organismo, para se tentar enfatizar a importância do seu preenchimento.

Foram elaborados três questionários piloto, a antigos membros da WWOOF Portugal, para se apurarem as potenciais dificuldades. Estas traduziram-se no facto de o questionário ter uma dimensão inicial muito extensa. Reformulou-se, assim, para um esquema mais curto, apelativo e dando especial destaque às questões inerentes ao Desenvolvimento Local.

Embora a primeira tentativa de questionário contasse com respostas abertas, optou-se por reduzir o tempo de preenchimento, para aumentar a viabilidade do mesmo, considerando apenas perguntas de resposta fechada, segundo uma escala de Likert, que consiste em apresentar uma série de premissas, onde o inquirido indica apenas uma das cinco posições: concorda totalmente, concorda, sem opinião, discorda, discorda totalmente (Sauders, Lewis & Thornhill, 2007).

Tabela 1: Guião do inquérito por questionário

BLOCOS	TEMAS	OBJETIVOS
DLS	Consciência para o DLS	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar as quintas que desenvolvem projetos com a comunidade; • De forma direta, compreender se o DLS é uma preocupação para os projetos em análise.
	Qualidade de vida e equidade social	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar a importância da qualidade de vida para os anfitriões em análise; • Quantificar os anfitriões que participam em atividades locais; • Relacionar a consciência para o DLS com a importância da qualidade de vida considerada pelos anfitriões em análise.

Tabela 1: Guião do inquérito por questionário (continuação)

Mundo Rural/ ”Alternative Way of Living”¹⁴	Economia local e eficiente	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar a produção caseira das quintas em análise, verificando se existe uma consequente venda local; • Quantificar a consciência para a participação em mercados locais; • Criar uma relação entre as práticas de economia local com a existência de uma consciência para o DLS.
	Preservação ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar as práticas de preservação ambiental, considerando questões mais comuns e generalizadas num ambiente biológico; • Quantificar a presença de consciência ambiental e consequente transmissão destes valores; • Relacionar os resultados obtidos com a preocupação para o DLS.
	Preservação da identidade local	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar a importância da preservação da identidade local, considerando a relação dos anfitriões com diferentes grupos etários; • Quantificar a importância da preservação da identidade local, considerando a predisposição dos anfitriões para aceitarem/aplicarem técnicas tradicionais; • Relacionar os dados anteriores com a consciência para o DLS.
Voluntariado	Papel dos voluntários para o DLS	<ul style="list-style-type: none"> • Quantificar o interesse revelado por voluntários pelo local onde as quintas se inserem; • Relacionar os dados anteriores com a consciência para o DLS.

Todos os questionários foram realizados através da plataforma Google Forms, uma vez que o universo inquirido se dispersa por todo o território português e que esta aplicação informática permite resultados imediatos. É de considerar, também, a existência deste questionário em duas línguas diferentes – português e inglês – uma vez que uma grande percentagem dos anfitriões é estrangeira, residente em Portugal.

¹⁴ Tradução livre: “Estilo de vida alternativo”

Entrevista semiestruturada

A entrevista, na óptica de Marconi e Lakatos (2003), é “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica” (p.196) e “proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária”. (p. 196) Embora exija algum rigor temporal, que vai desde a sua realização, transcrição até à sua análise, é um importante instrumento para consolidar as respostas do inquérito por questionário através de uma conversa entre o entrevistador e o entrevistado.

Foi realizada uma entrevista ao actual Secretário-geral da Federation of WWOOF Organizations (FoWO) e coordenador da WWOOF Portugal, que foi gravada em sistema áudio e, posteriormente, transcrita.

Embora as questões tenham sido previamente estruturadas, foi dada ao entrevistado liberdade para desenvolver as temáticas inquiridas.

Tabela 2: Guião da entrevista semiestruturada

BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualização dos conteúdos; • Introdução do tema; • Criação do ambiente da entrevista. 	
Contextualização biográfica e profissional	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a relação pessoal do entrevistado com a WWOOF Portugal; • Compreender a relação profissional do entrevistado com a WWOOF Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Faça uma breve introdução a si mesma, quem é o Rodrigo Rocha?”; • “Qual foi o seu primeiro contato com a WWOOF?”; • “Há quantos anos está ligada à Associação como membro da Direção?”; • “Quais foram os diferentes papéis que desempenhou dentro da WWOOF?”.

Tabela 2: Guião da entrevista semiestruturada (continuação)

Ex-Anfitrião da WWOOF Portugal	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as dificuldades e as motivações de um anfitrião da WWOOF Portugal; • Identificar uma consciência para o DLS e possíveis ações que o ilustrem. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Quantos voluntários recebia, aproximadamente, por ano?”; • “Quanto tempo ficavam os voluntários, em média, na sua quinta?”; • “Quais são, para si, os motivos para se receber voluntários?”; • “Quais são, para si, os principais constrangimentos numa relação entre anfitrião e voluntário?”; • “Procurava, como anfitrião, estabelecer uma relação com o meio cultural/económico/natural local? Como?”; • “O que é para si «ter qualidade de vida»?”; • “Promovia, junto dos voluntários, uma ideologia «verde», amiga do ambiente? Como?”; • “Clarifique o que entende por DLS”.
Coordenador da WWOOF Portugal	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender quais são as funções o coordenador da WWOOF; • Estabelecer uma relação entre os desafios e as propostas de resolução estabelecidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Quais são as principais funções de coordenador da WWOOF PT?”; • “Qual é a relação da WWOOF PT com a FOWO? Existe total independência na tomada de decisão?”; • “Considera que a WWOOF PT Associação contribui para o DLS? Como?”.

Tabela 2: Guião da entrevista semiestruturada (continuação)

História da WWOOF Portugal	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar a bibliografia existente com factos demográficos e/ou acontecimentos importantes da WWOOF enquanto associação 	<ul style="list-style-type: none"> • “Descreva, brevemente, a história da instituição da WWOOF em Portugal, inclusivamente a principal razão da sua criação.”; • “Quais foram os maiores feitos da WWOOF enquanto Associação?”; • “Quais os maiores desafios da Associação?” • “Quais os meios de promoção do trabalho da Associação?”; • “Quais são os meios disponíveis para a mediação de conflitos entre outros anfitriões e voluntários?”; • “Sente a necessidade de se definirem regras base, além daquelas já existentes no site da WWOOF? Quais?”; • “O que recomenda a um novo anfitrião?”; • “O que aconselha a um anfitrião de longa data?”.
----------------------------	--	---

Uma vez que o presente estudo idealiza uma visão mista, é necessário analisar a informação em dois momentos diferentes, sendo exigido, por isso, a utilização de diferentes técnicas de análise.

2.4.2. Técnicas de Análise de Dados

Análise bibliográfica e documental

Este método de análise terá sido o pilar de toda a investigação, uma vez que não existem recursos bibliográficos que explorem o DLS e o voluntariado, especificamente em organizações sem fins lucrativos cujas ações ocorrem diretamente com membros que estão dispersos por todo o território português. Por isso, tornou-se fundamental selecionar diversas fontes de informação e cruzá-las para obter resultados otimizados.

Análise estatística

A análise estatística do inquérito do questionário teve como finalidade dar uma forma homogénea às respostas de todas as questões de modo a verificar a existência ou não de relação entre elas (Ghiglione & Matalon, 2001). Utilizamos este modelo de análise na interpretação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário aplicado aos anfitriões da WWOOF Portugal, registados até Agosto de 2018. Esta técnica possibilitou a organização dos dados, bem como a sua interpretação, e consequente compreensão das diferentes ligações entre resultados.

A análise comparativa dos resultados foi processada no programa informático Excel, sendo, posteriormente realizada uma compilação dos resultados em tabelas e gráficos.

O inquérito por questionário foi aplicado à totalidade do universo, 168 anfitriões da WWOOF Portugal. Segundo as autoras Marconi e Lakatos (2003), os questionários enviados pelo investigador tendem a alcançar uma média de 25% de cota de devoluções. No caso do presente estudo, este número não foi alcançado, tendo a taxa de resposta ficado apenas pelos 22,02%, com 37 respostas obtidas. Contudo, deste total, não foram considerados 2 questionários, por não se apresentarem preenchidos na totalidade, pelo que foram consideradas apenas 20,83% das devoluções.

Este foi um inquérito sem amostragem prévia, uma vez que foi questionada a totalidade do universo. Deste modo, é viável afirmar que a aleatoriedade foi respeitada uma vez que todos os inquiridos tiveram possibilidade idêntica de responder.

O inquérito por questionário foi realizado no período de 7 de Julho e 15 de Agosto de 2018.

Análise de conteúdo temático

No presente estudo realizou-se apenas uma entrevista, que serviu a ligação entre a associação e os seus membros locais: os anfitriões. Considerou-se, por conseguinte, a importância de se analisar a mesma recorrendo a uma matriz que, dividida por categorias, pudesse contribuir para que se estabelecesse uma comparação entre a opinião dos atuais anfitriões da WWOOF Portugal e o coordenador desta mesma associação.

Após a transcrição integral da entrevista, as informações consideradas mais relevantes foram sistematizadas numa grelha de análise com as respetivas categorias, subcategorias e unidades de registo. Definiram-se categorias que refletem as dimensões do DLS e subdividiram-se em: qualidade de vida, equidade social, economia local e eficiente, preservação ambiental, preservação da identidade local.

Estas categorias relacionam-se entre si, mas definem pontos de vista distintos da relação do entrevistado com a WWOOF Portugal, que através de determinadas unidades de registo, permitem uma recolha de informação fundamental à triangulação de dados, prevista nesta investigação.

Recorrendo a esta técnica permitimo-nos "a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade" (Quivy & Campenhout, 1998, p.227).

CAPÍTULO 3 – CONTEXTUALIZAÇÃO EMPÍRICA

3.1. O Conceito

“A WWOOF é um programa de intercâmbio. Em troca de ajuda voluntária, as quintas WWOOF oferecem comida, alojamento e oportunidade para conhecer estilos de vida naturais.

Os voluntários têm a oportunidade de um contato em primeira mão com as diversas técnicas de agricultura biológica, permacultura, construção ecológica e outras técnicas ambientalmente saudáveis.

A WWOOF põe em contato as pessoas que querem ser voluntárias (WWOOFers) em quintas de agricultura biológica que estão à procura da ajuda de voluntários.”¹⁵

A presente investigação centra-se na WWOOF - Associação para a Promoção de Oportunidades Mundiais em Agricultura Biológica em Portugal, sendo que esta associação atua através de três grupos identitários: os órgãos associativos, os anfitriões e os voluntários.

3.2. Órgãos Associativos

A WWOOF Portugal foi fundada como associação sem fins lucrativos a 7 de Setembro de 2009, em Lisboa, por dois elementos fundadores: Rodrigo Rocha e Augusto Flasinski. A finalidade da associação assente nos estatutos da mesma descreve como objetivos:

- a) Incentivar o voluntariado junto dos produtores agrícolas que utilizem técnicas ambientalmente saudáveis (permacultura agricultura biológica, etc.);
- b) Promover a recepção de voluntários nestes mesmos produtores;
- c) Promover técnicas e práticas agro-pecuárias e construções ambientalmente saudáveis através de *newsletter* páginas da internet, publicidade e outros meios;
- d) Promover e realizar encontros sessões de trabalho, cursos ou outras sessões sobre técnicas agrícolas, pecuárias e de construções saudáveis, assim como cursos de voluntariado.”¹⁶

São órgãos da associação a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

Atualmente, a equipa que representante destes órgãos compreende oito elementos, que se encarregam de gerir a associação e a plataforma digital que a “encarna”.

¹⁵ Apresentação no site da WWOOF Portugal; <https://www.woof.pt/>, acedido a 31 de Janeiro de 2018.

¹⁶ Estatutos da associação WWOOF Portugal

3.3. Anfitriões

A comunidade de anfitriões da WWOOF, à conclusão da presente investigação, em Outubro de 2018, contava com 174 membros. Este é um número instável, uma vez que a cada quinta só se pode associar mediante pagamento de cota, com a durabilidade de um ano. Deste modo, há uma variação do número de membros, que, no último ano, tendeu a manter-se superior a 150 anfitriões, em todo o território português.

Grande parte dos anfitriões tem nacionalidade estrangeira (alemã, britânica, holandesa, belga, etc), embora muitas vezes se tratem de anfitriões “mistos”, resultado de relações entre portugueses e estrangeiros, maioritariamente europeus.

Estes membros distribuem-se por cinco áreas diferentes em Portugal continental - Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve – existindo, também, oito anfitriões nas ilhas açorianas e um no arquipélago da Madeira.

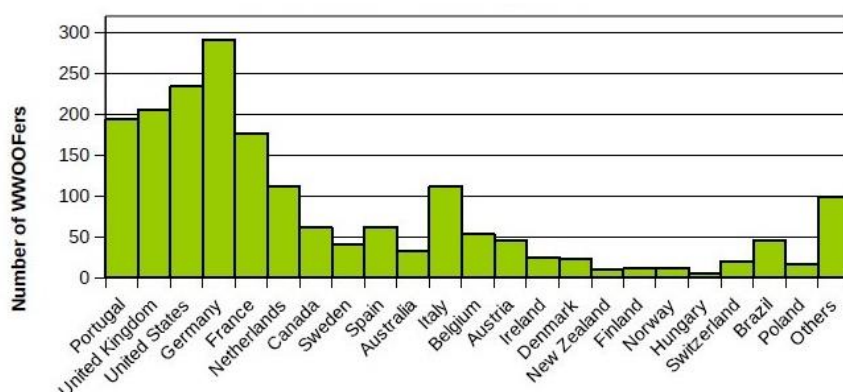
Em 2009, no primeiro ano da associação registaram-se 70 quintas, número que foi aumentando anualmente, sofrendo ligeiras regressões no ano de 2012 e 2015, que não representam um valor significativo. (Relatório de Actividades – WWOOF Portugal)

3.4. Voluntários

Os voluntários da WWOOF Portugal representam a maior parte dos membros da associação, contando, a 20 de Outubro de 2018, com 1820 membros. Embora os voluntários paguem uma cota anual, ficam em Portugal, apenas por algumas semanas ou meses, tornando este o mais volátil grupo nesta tríade. Durante o período mencionado, contactam diversos anfitriões e estabelecem contato com diversas quintas, sendo que o mais comum é ficarem duas semanas até um mês, variando esta estadia consoante os seus planos de viagem.

Tendo em conta os últimos dados estatísticos, presentes nos Relatórios de Atividades da WWOOF Portugal, pode-se verificar que a nacionalidade que mais frequentemente se voluntaria em Portugal é a alemã, seguida da americana e da britânica. É interessante verificar que, no gráfico apresentado, os portugueses estão também contemplados neste gráfico, representado um número significativo, que remete para um interesse dos locais em aprender mais sobre quintas biológicas.

Figura 3: Distribuição dos 1882 WWOOFers por nacionalidades de origem (2015)

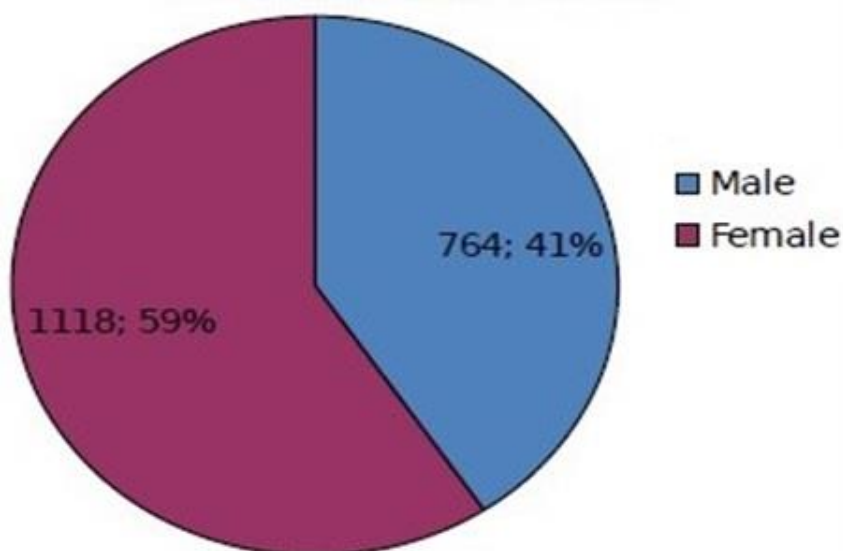


Fonte: Relatório de Atividade da WWOOF Portugal (2015)

Esta frequência da nacionalidade dos voluntários nem sempre se verificou, tendo sido, inicialmente mais comum a adesão dos falantes da língua inglesa, nomeadamente britânicos e americanos. Foi só a partir de 2012 que se verificou a maioria alemã, que se manteve até aos dados mais recentes.

Nos diversos relatórios de atividade da WWOOF Portugal, redigidos desde 2009, é possível ainda verificar que existe, normativamente, um maior número de voluntárias do sexo feminino a participar nesta iniciativa, ultrapassando sempre os 55%.

Figura 4: Distribuição dos 1882 WWOOFers em Portugal, por género.



Fonte: Relatório de Atividade da WWOOF Portugal (2015)

Outro valor a considerar é a relação entre o número de voluntários, por anfitrião. Este valor, embora se trate de uma aproximação, permite prever quantos voluntários uma quinta poderá receber durante um ano. Na prática, este valor nem sempre se verifica, pois existem diferentes variáveis, relacionadas com a geografia, com a língua falada na quinta e a origem do voluntário, com o tipo de tarefas propostas, com a assiduidade na comunicação entre anfitriões e potenciais voluntários, etc. Contudo, se houver regularidade o número, actual, é de 12 voluntários por quinta, anualmente. Este número é apenas uma referência, mas a sua instabilidade traduz, eficazmente, o aumento e o decréscimo de voluntários e de anfitriões nesta plataforma, podendo, até, ser um indicador económico e social.

Se no primeiro ano da WWOOF em Portugal este número se definia por sete voluntários por quinta anualmente, foi no ano seguinte que este número atingiu o seu máximo, sendo de 15 voluntários por quinta. Este número decresceu e estabilizou nos três anos seguintes, para 12 voluntários por anfitrião, tendo subido para 14, em 2014, remetendo um pouco para o *boom* turístico em Portugal, que, embora progressivo, se possa verificar no gráfico seguinte:

Figura 5: Entrada de turistas em alojamentos turísticos coletivos: total e por tipo de turista.

Anos	Turistas
	Não-residentes
	Portugal
2009	6.439.022
2010	6.756.354
2011	7.263.644
2012	7.503.252
2013	8.400.252
2014	9.688.312
2015	10.839.925
2016	12.343.982

Fonte: PORDATA (2017)

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. Nota Introdutória

A presente investigação procurou, através dos inquéritos por questionário, da entrevista realizada e da recolha bibliográfica e documental, estabelecer uma ligação entre os resultados obtidos e as variáveis que compõem o conceito de DLS. Na lógica de Nuno de Carvalho (2009), este processo, que é simultaneamente uma meta a ser alcançada a médio e longo prazo, objectiva a qualidade de vida e a equidade social em determinado espaço (geográfico ou político), com base numa economia eficiente competitiva, com relativa autonomia das finanças públicas, combinadas com a conservação dos recursos naturais e do meio ambiente.

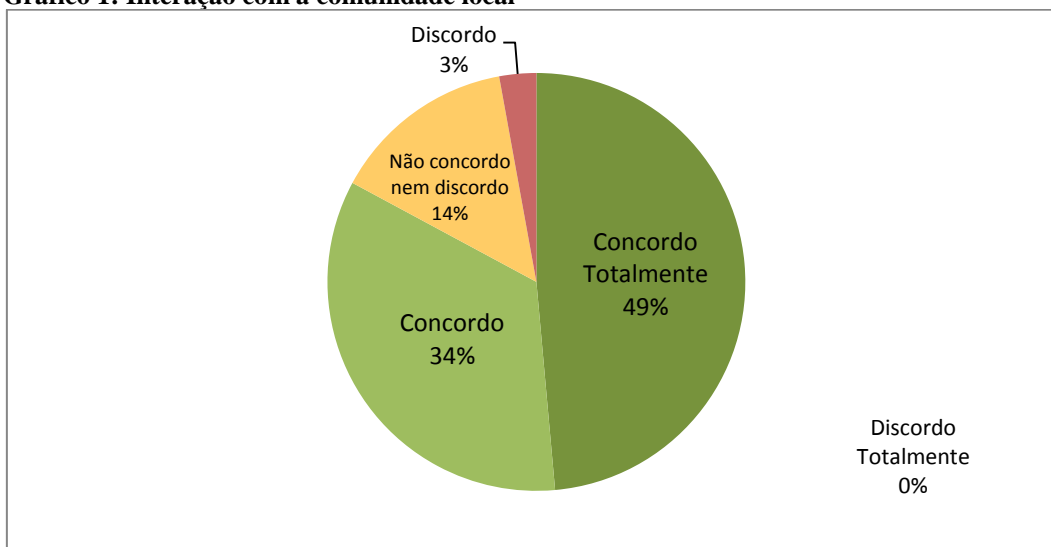
Deste modo, os questionários foram elaborados de forma a ser possível verificar-se respostas no âmbito da concepção anterior.

4.2. Consciência e Objetivos do DLS

Ao inquirir, diretamente, sobre a postura dos anfitriões, e inerentes projetos, face à comunidade, este questionário procurou a incidência de dinâmicas entre estes dois vetores, por se tratar da base do DLS. As três primeiras questões do questionário incidiram na consciência de cada anfitrião nas suas interações versus as suas ações, de uma forma muito generalista, para amplificar a incidência da auto-reflexão. As seis questões seguintes vão ao encontro dos objetivos do DLS: a qualidade de vida e a equidade social.

4.2.1. Consciência para o DLS

Considerando as primeiras questões, verificou-se que 83% (N=29) da amostra inquirida (gráfico 1) afirma a sua interação com a comunidade. Nesta questão não se desenvolveu o significado de “interação”, por se considerar importante a noção de consciência para a presente investigação, uma vez que os indivíduos que se juntam à WWOOF têm diferentes motivações, numa sociedade cada vez mais focada no “self”, considerou-se necessário ampliar as significâncias desta questão para despertar essa mesma consciência. (Stateva, 2010)

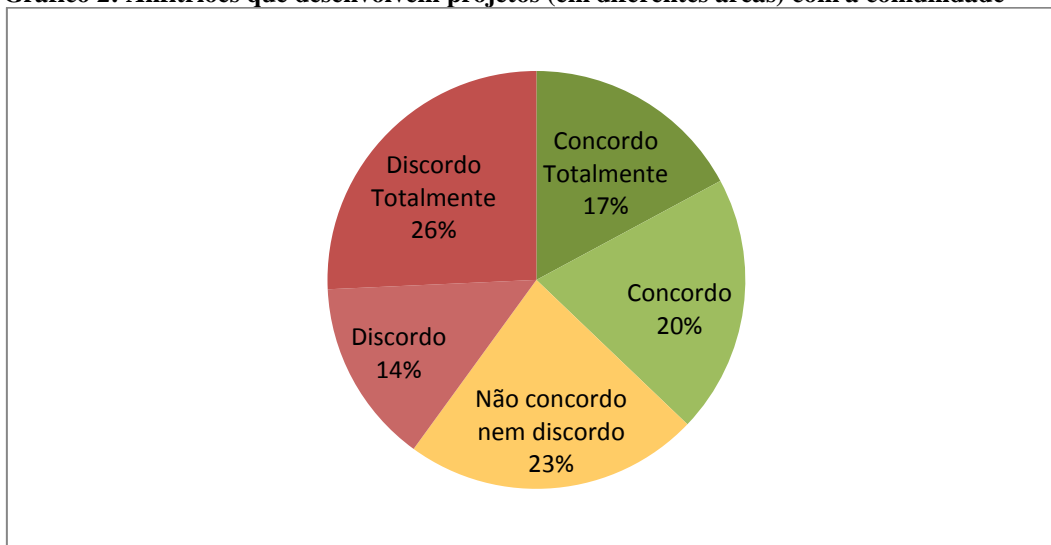
Gráfico 1: Interação com a comunidade local

Se por um lado os resultados foram bastante positivos, por outro lado, quando se discriminaram os focos de intervenção das quintas, num ponto de vista social e cultural, as respostas revelaram que interação não significa ação.

Como podemos observar, no gráfico 2, os anfitriões consideram que os projetos desenvolvidos por eles não se coadunam com a dinâmica da comunidade, sendo que apenas 37% (N=13) se dispõe a trabalhar juntamente com a comunidade. Este número não está muito afastado dos 40% (N=14), obtidos em respostas negativas, mas é, aproximadamente, num quarto da amostra que encontramos a surpreendente neutralidade do “não concordo, nem discordo”, que é menos acentuada na questão anterior, indicando que a interação com a comunidade poderá ser entendida como uma mera troca de impressões, mas não um conjunto de ações em prol de um bem comum.

No decorrer da presente investigação, irá manter-se presente este resultado, pois considera-se que a interação com a comunidade terá um maior impacto na comunidade do que aquele que o gráfico anterior deixa transparecer, atendendo a estudos como o de Alvarez (2010) e Miller (2012). Deste modo, os tópicos que se seguem, procuraram analisar, detalhadamente, cada dimensão da interação dos anfitriões da WWOOF Portugal, com as comunidades que os acolhem.

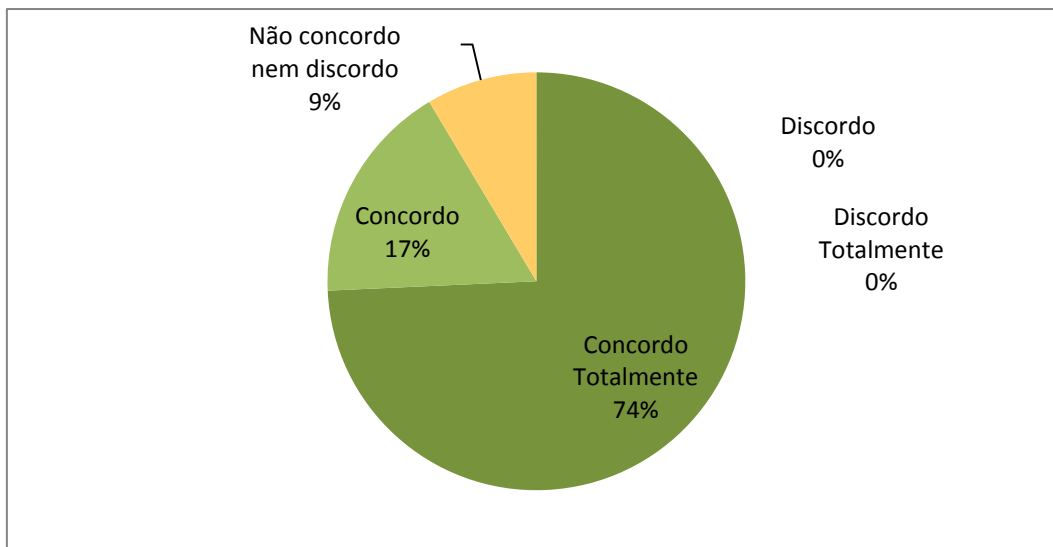
Gráfico 2: Anfitriões que desenvolvem projetos (em diferentes áreas) com a comunidade



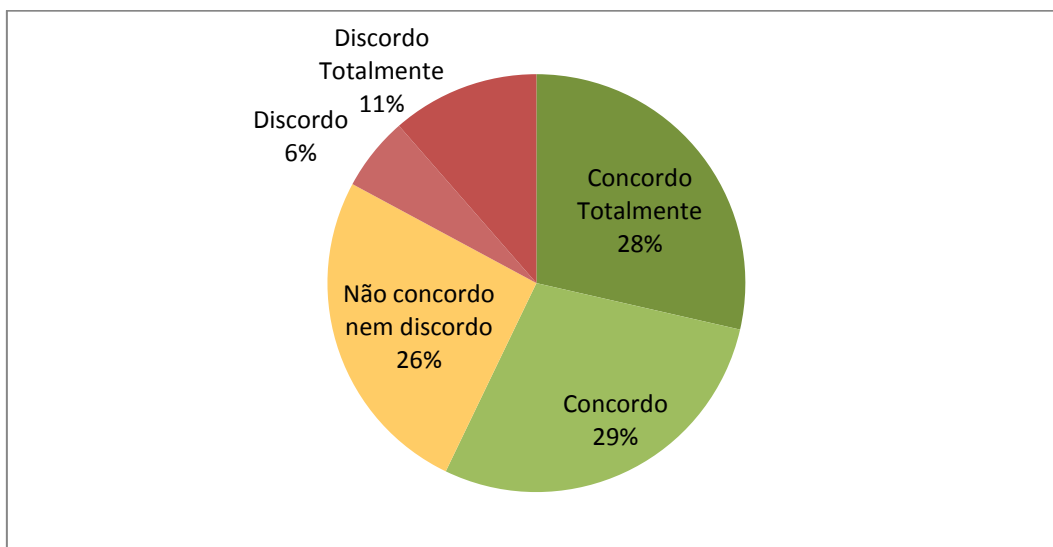
4.2.2. Qualidade de Vida e Equidade Social

Associada à consciência dos anfitriões relativamente ao papel das suas quintas no Desenvolvimento Sustentável dos locais onde se inserem, estão os dois grandes objetivos do DLS: a qualidade de vida e a equidade social.

No que remete para a qualidade de vida, dever-se-á considerar a individualidade e unidade de cada anfitrião, como projeto para o desenvolvimento ambiental, mas também a comunidade, uma vez que “o desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas dos atores locais em torno de um projecto colectivo” (Carvalho, 2009). Assim, confrontamos dois pontos de vista do mesmo ator; com o foco em si próprio e com o foco no meio onde se insere, e concluímos que a consciência do seu próprio projeto está positivamente ligada ao aumento da sua qualidade de vida. Como verificamos no Gráfico 3, apenas 9% (N=3) dos indivíduos escolheu a opção “Não concordo nem discordo” remetendo para uma postura neutra; os restantes participantes neste estudo concordam com a premissa de que a sua qualidade de vida está intimamente ligada às suas escolhas enquanto anfitrião de uma quinta biológica.

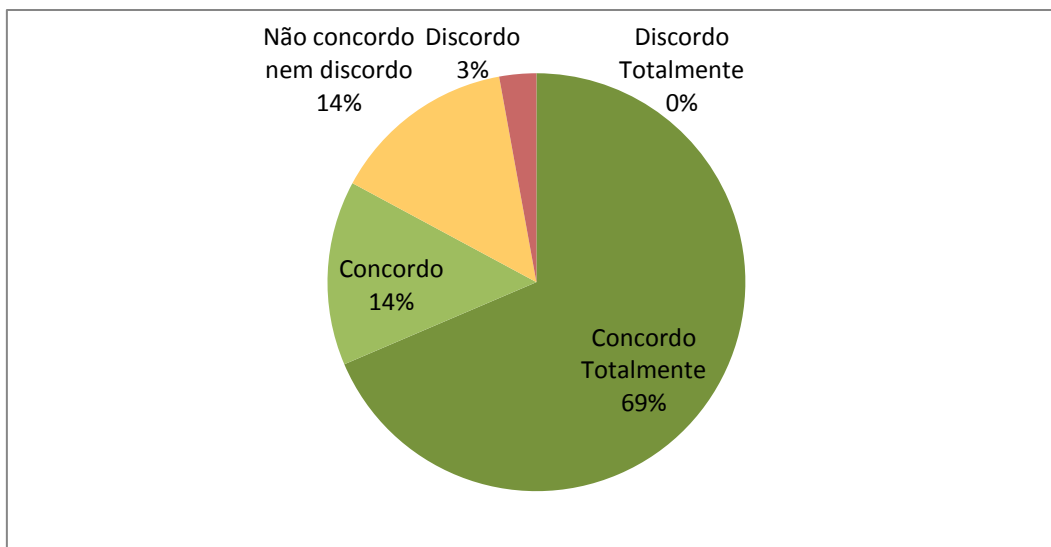
Gráfico 3: O dia-a-dia na quinta contribui para o aumento da sua qualidade de vida.

Atentando uma postura um pouco mais observadora da parte do inquirido, foi questionado o seu contributo para a qualidade de vida da comunidade que o rodeia, quer através de ações, quer através de produtos elaborados pelos anfitriões. Nesta abordagem as opiniões já foram mais divergentes, existindo 17% (N= 6) de respostas negativas, em oposição à questão anterior, sendo, contudo, mais de metade dos inquiridos, positivos em relação à sua influência na qualidade de vida da comunidade envolvente, como podemos observar no gráfico 4. Desconstruídas, quer as respostas positivas, quer as negativas, indicam que as atividades desenvolvidas terão mais impacto do que os produtos afectos a estas quintas biológicas, indiciando, já, uma maior dimensão social, cultural e ambiental, em detrimento da dimensão económica.

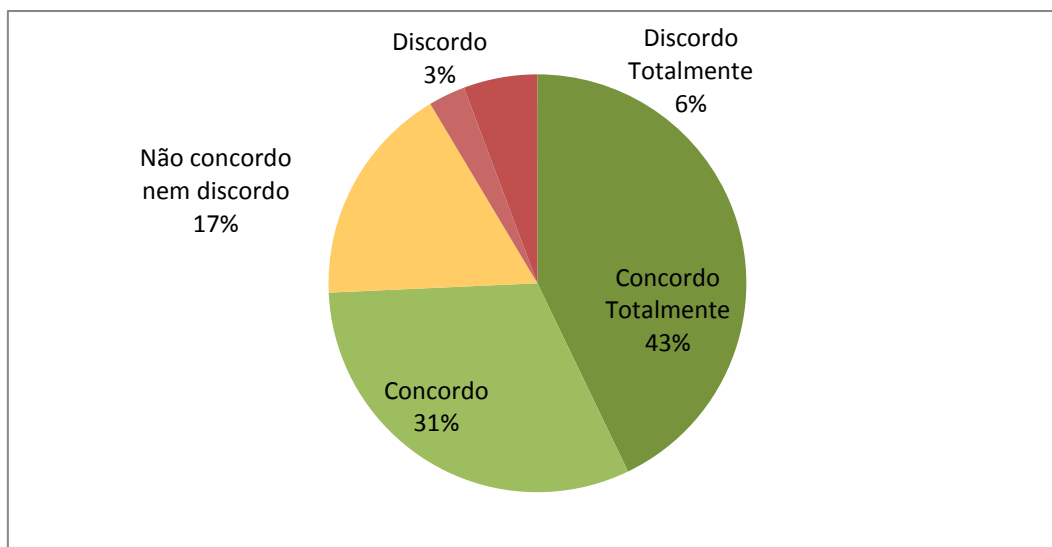
Gráfico 4: As atividades e produtos da quinta contribuem para o aumento da qualidade de vida da comunidade.

Existe contudo uma discrepância entre a dimensão sociocultural e a dimensão ambiental, principais vetores na construção do conceito de WWOOFing (o acto de participar em iniciativas da WWOOF); pelo que se analisou, concretamente, estes dois princípios. Desta feita, foi possível concluir que as atividades mais importantes para um anfitrião têm um cariz ambiental, traduzidas em 83% da amostra (N= 29), face a apenas uma resposta negativa.

Gráfico 5: Importância e realização de atividades de cariz ambiental



Relativamente à importância e efectiva realização de atividades de carácter sociocultural, de acordo com o gráfico 6, foram evidenciadas mais duas respostas negativas, traduzindo-se em 9% do universo analisado. Assim, atendendo a estas duas questões é possível verificar-se que além de serem importantes para os anfitriões, existem diversas tentativas sociais e ambientais de se criarem novas dinâmicas junto da comunidade.

Gráfico 6: Importância e realização de atividades de cariz sociocultural

Como se observa, não foi referida a equidade social, na apresentação dos resultados anteriores. Verificou-se que este seja um fator transversal aos valores da WWOOF. A ideia de se fazer parte de um movimento ecológico e de partilha de conhecimentos, tendo como fio condutor o voluntariado, promovendo a equidade social.

4.3. Pré-requisitos e condicionantes do DLS numa *Alternative Way of Living*¹⁷

Neste ponto, a discussão irá ao encontro do pré-requisito para a aplicação do conceito de DLS, segundo Carvalho (2009), representado por uma economia eficiente, de ação local. Ainda, segundo este autor, será explorada uma das dimensões condicionantes- a preservação ambiental – e, na lógica de Sachs (1990) e Franco (2003), será explorada a preservação da identidade local. Estas temáticas, na senda do DLS, encontram-se extremamente presentes no conceito de modo de vida alternativo, promovido pela WWOOF, e serão analisadas do ponto de vista dos anfitriões.

4.3.1. Economia local e eficiente

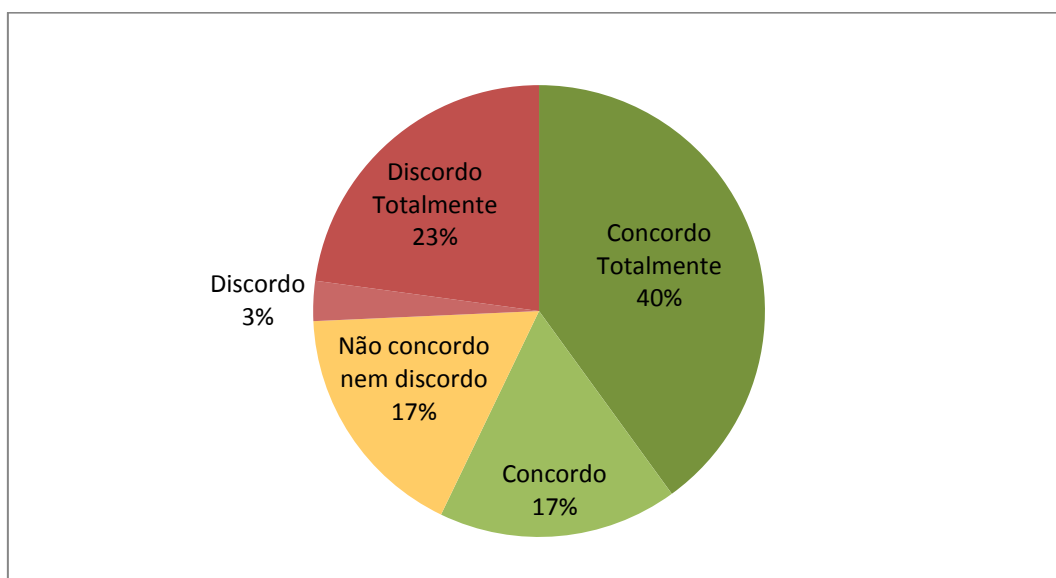
É fundamental realizar-se uma aproximação ao conceito de DLS tendo em consideração uma perspectiva económica, uma vez que para existir desenvolvimento tem que existir uma mudança de estado, extremamente perceptível, numa sociedade cuja base é o

¹⁷ Tradução livre: “Estilo de vida alternativo”

capitalismo. Nesta lógica, e considerando que o universo, em causa neste estudo, tem uma forma de vida um pouco mais alternativa, em muitos casos *off the grid*¹⁸, procurou-se inquirir relativamente à prática comum de comercializar e comprar produtos locais, muitas vezes retirados das hortas que servem os princípios da agricultura biológica, base da WWOOF Portugal.

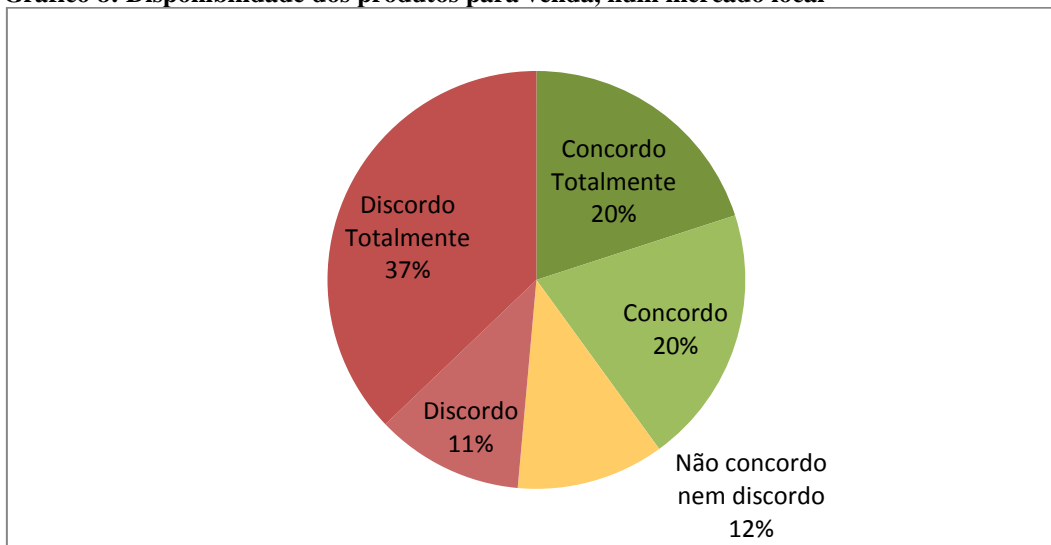
Deste modo, foi inquirida a potencialidade de se criarem produtos, nas quintas biológicas, com intenção de serem comercializados, sendo esta possibilidade recusada por, aproximadamente, um quarto da amostra em causa. Este facto é demonstrando, no gráfico 7, onde 9 inquiridos produzem biologicamente e não objectivam a venda destes produtos.

Gráfico 7: Criação de produtos com objectivo de mercado



Já 57% (N=20) dos anfitriões questionados visa a venda dos seus produtos. A este factor associa-se o local da comercialização destes produtos, pois, sendo prevista uma economia local, é importante definir a localização final deste processo, para se compreender o impacto no DLS. Assim, à questão da disponibilidade destes produtos num mercado local, as respostas indicaram que existe uma menor adesão a este tipo de comercialização, uma vez que mais de metade das respostas se revelou negativa, face a apenas 40% (N=14) da amostra indicar que participa em mercados locais para escoar os seus produtos.

¹⁸ Tradução livre: “Fora de redes convencionais”

Gráfico 8: Disponibilidade dos produtos para venda, num mercado local

Este resultado indica que os mercados locais não são, de todo, a preferência destes anfitriões, dados que se podem justificar na origem destes mesmos indivíduos, que, considerando os dados mais recentes da WWOOF Portugal, são na sua maioria estrangeiros, a residir em Portugal.

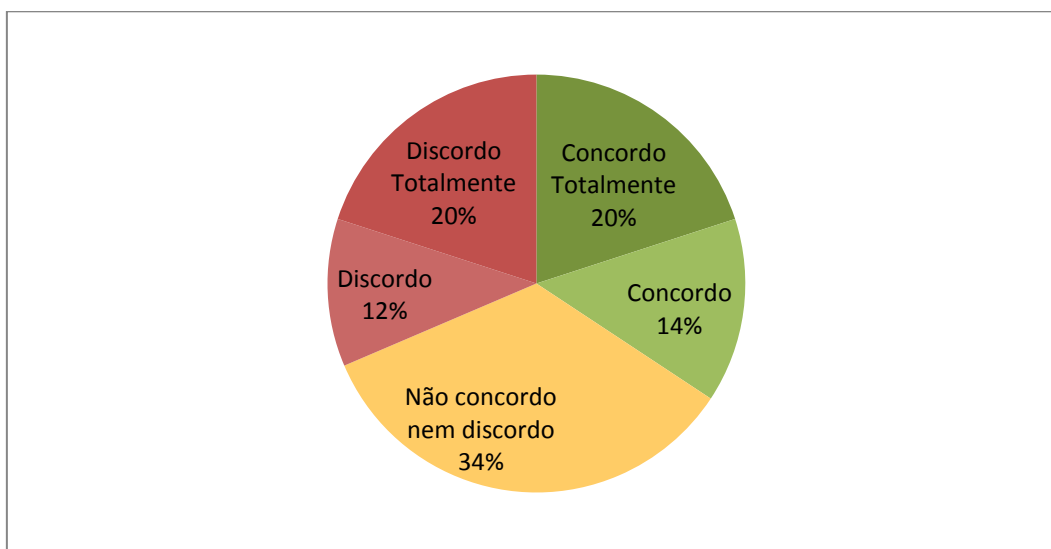
Por outro lado, outra justificação pode ir ao encontro da “qualidade” dos bens, que, muitas vezes é desconhecida pelos locais, sendo estes mesmo produtos considerados “diferentes” e, por isso, pouco compreendidos e ansiados pela comunidade. Quando inquiridos sobre esta realidade, 22 anfitriões, representado 63% da amostra, consideraram que a comunidade onde se inserem, distingue os seus produtos dos restantes existentes no mercado, indiciando um afastamento na relação entre consumidor e produto.

Segundo dados do Primeiro Grande Inquérito sobre a Sustentabilidade (2016), os consumidores distinguem-se em três perfis dominantes: O perfil ‘constrangido’, que é um reflexo da crise económica e da necessidade de gestão de um orçamento familiar frugal, nada afeto a práticas sustentáveis, optando pelo “mais barato”; o perfil ‘comunicador’ que resiste à crise económica e opta por fazer as suas escolhas tendo em consideração a marca das mesmas; e o perfil ‘livre’ que será o que mais se aproximará do tipo de consumidor de produtos biológicos, locais, pois remete para a procura de variedade e liberdade de escolha.

Assim é passível de se observar que a motivação económica é muitas vezes controlada pela crise económica que abalou Portugal na última década, pelo que, além dos produtos

serem considerados diferentes, são ainda considerados mais caros, pelos consumidores. Deste modo, quando inquiridos sobre a semelhança entre os preços dos seus produtos, biológicos, com os restantes produtos disponíveis em mercados locais, as opiniões dividiram-se identicamente, sendo, importante frisar que 34% da amostra (N=12) revelaram uma posição ambígua, que traduzirá a defesa da sua produção e da sua alimentação. O preço para se consumir saudável e biológico não deveria ser fator determinante, é “preciso, pois, dizer claramente que há uma relação direta entre produtos sujos e injustos e carga fiscal, ou seja, que as consequências ambientais e de saúde pública têm uma tradução pesada em termos de carga fiscal” (Covas, 2008, p.6). Contudo, verifica-se que o preço é ainda um fator a considerar quando 32% (N=11) dos inquiridos afirma que os preços dos produtos biológicos não são equiparados ao preço dos restantes produtos.

Gráfico 9: Discrepância entre os preços de produtos biológicos e os restantes produtos.

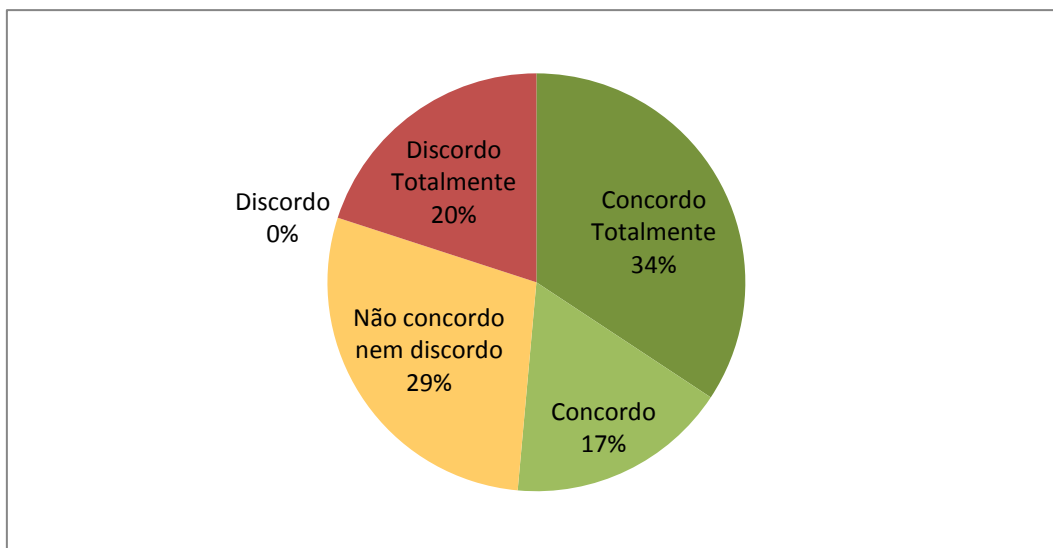


Após se recolher a perspectiva do vendedor/manufactureiro é fundamental perceber-se o lado consumidor da amostra a estudo.

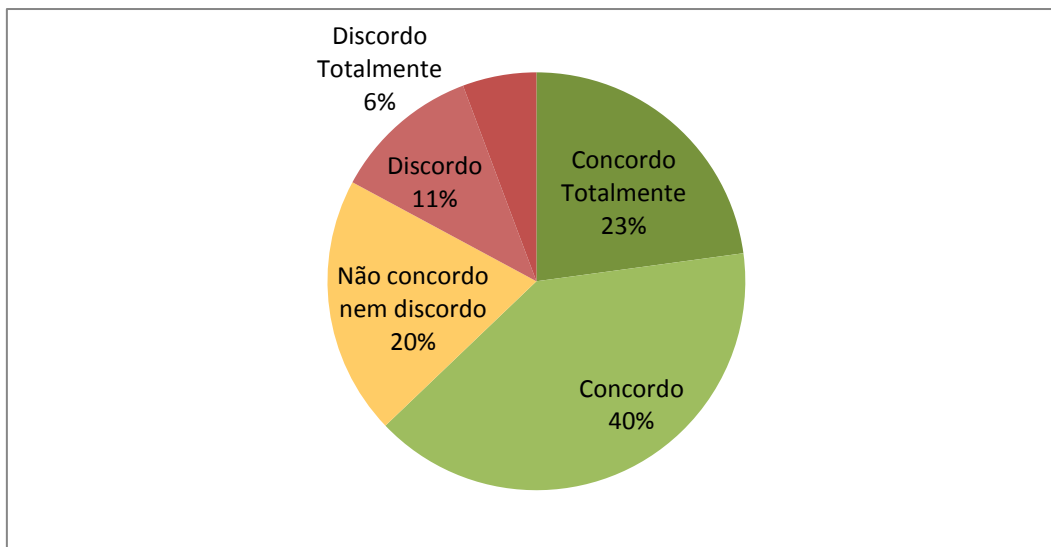
Depreende-se que a produção biológica esteja ao serviço de uma alimentação mais saudável, que pode, ou não, exceder e, consequentemente, ser vendida ou até mesmo trocada, considerando os ideais que pontuam este estilo de vida alternativo. Assim, consideraram-se as trocas de produtos e a frequência em mercados locais, no papel de consumidores, duas ações que levam os anfitriões a tomar parte no DLS. Na questão relativa às trocas de produtos os resultados foram mais favoráveis do que na questão que inquiria sobre a disponibilização de produtos em mercados locais. Segundo o

gráfico 10, 51% (N=18) da amostra revelou estar de acordo com a realização de trocas de produtos.

Gráfico 10: Realização efetiva de trocas de produtos.



Como consumidores nos mercados locais, os inquiridos revelam uma forte propensão para fazer parte da comunidade, comprando produtos nos mercados locais. De acordo com o estudo de Silva e Silva (2008), que refere a importância dos mercados internos, “através da promoção do potencial de desenvolvimento regional, visando a criação de novos postos de trabalho, a fixação das populações, a promoção do meio-ambiente e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, estabelecendo-se, para o efeito, novos sistemas de apoio às pequenas e micro empresas” (p.7), é fundamental considerar-se a relação entre os mercados locais, que resultam, fundamentalmente, das referidas microempresas, e que procuram estimular a economia de determinados lugares, recorrendo às potencialidades já existentes. Na sequência desta reflexão, a resposta dos inquiridos, como se pode verificar no gráfico 12, agrega 63% (N=22), que indicia uma motivação positiva para integrar a comunidade, no papel de consumidor, contribuindo para uma economia local.

Gráfico 11: Realização de compras em mercados locais.

Esta economia local é dinâmica, pontuada por novas ações de consumo – como as trocas – e por novos e variados produtos. Estes, ainda que considerados diferentes, são vistos e discutidos pela comunidade. Geram, então, mais conhecimento, e, por conseguinte, contribuem para uma “economia que não visa a destruição das culturas em nome de uma globalização ou uniformização cultural; pelo contrário, procura valorizar as culturas locais” (Amaro, 2005, p.5).

4.3.2 Preservação ambiental

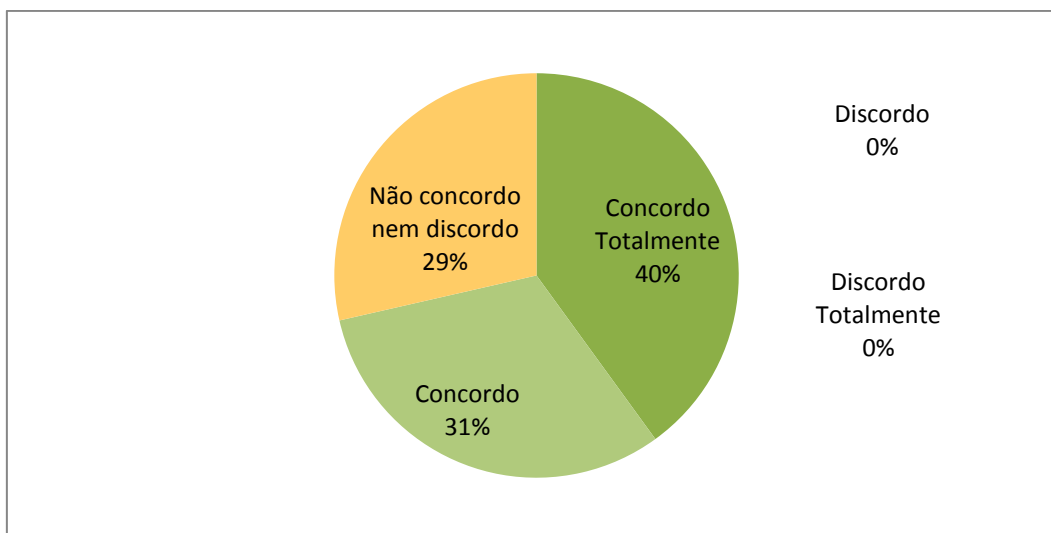
Qualquer dimensão do DLS indica a existência física de um território, que, consequentemente, depreende um conjunto de variáveis vivas e dinâmicas, que o tornam único e inimitável. Deste modo, considerando que as quintas biológicas da WWOOF se desenvolvem baseadas em diversos ideais ecológicos, afetas a determinada localização geográfica e, consequentes influências do meio natural, é possível considerar a sua importância para a preservação ambiental – a maior condicionante do DLS.

Antes de mais é necessário esclarecer que a definição de biológico – traduzido da língua inglesa da palavra orgânico – é variável e, nos diversos estudos sobre a WWOOF Portugal, não é consensual. Contudo, a definição que mais se apropria à presente análise é da autora Kosnik (2013), que afirma que este conceito vai ao encontro de um “*mind-set, implying a moral conduct of sharing resources, and caring for the environment and*

*other beings*¹⁹” (p. 60), definindo, de forma generalizada, a incidência das ações da WWOOF, no que remete para a consciência ambiental e preservação do meio.

Assim, através de algumas questões simples, foi possível verificar o compromisso destes anfitriões para com o ambiente. Na generalidade, as respostas incidiram em valores positivos, sendo importante salientar que 71% da amostra (N=25) indicou a utilização de bens de consumo biológicos e/ou ecológicos, nas suas rotinas diárias, como podemos verificar no gráfico 12.

Gráfico 12: Utilização maioritária de bens de consumo biológicos e/ou ecológicos.



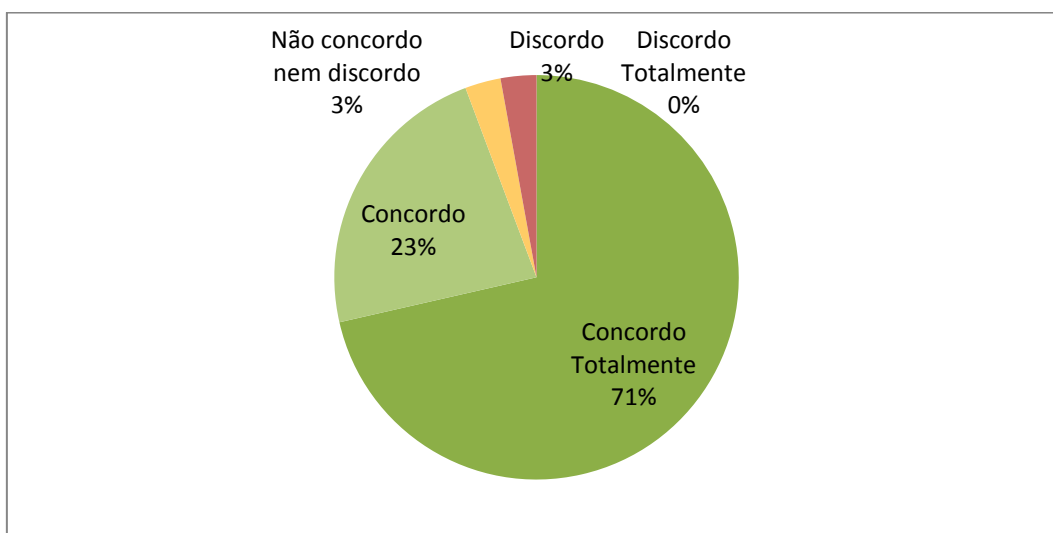
Equiparados a este número, estão os valores relativos à realização de compostagem, que contam apenas com respostas positivas, sendo que a totalidade da amostra, os 35 inquiridos, afirmaram realizar este método de melhoramento dos solos e de reaproveitamento de matéria orgânica. Ainda relativamente à pegada ecológica deixada pelos inquiridos, foram procuradas respostas na área das energias limpas e/ou renováveis e na poupança da água, através do uso de casa de banho seca. Concluiu-se que os dados são favoráveis a estas práticas, traduzidos em 57% da amostra (N=20). Este número é um indicador favorável de algumas ações que estes anfitriões praticam, potenciadoras de uma consciência ambiental, com um impacto local, mas também, global, e vão ao encontro do estudo de Kosnik (2013), que afirma: “WWOOF groups are ideally operated sustainably: ecologically (using solar energy operated computers and eco-friendly printing), socially (offering rural employment opportunities and fair

¹⁹ Tradução livre: “uma mentalidade, que implica uma conduta moral de partilha de recursos e de preservação do meio ambiente e de outros seres”

treatment of employees), and economically, without exploitation of environment or people” (p.188)²⁰.

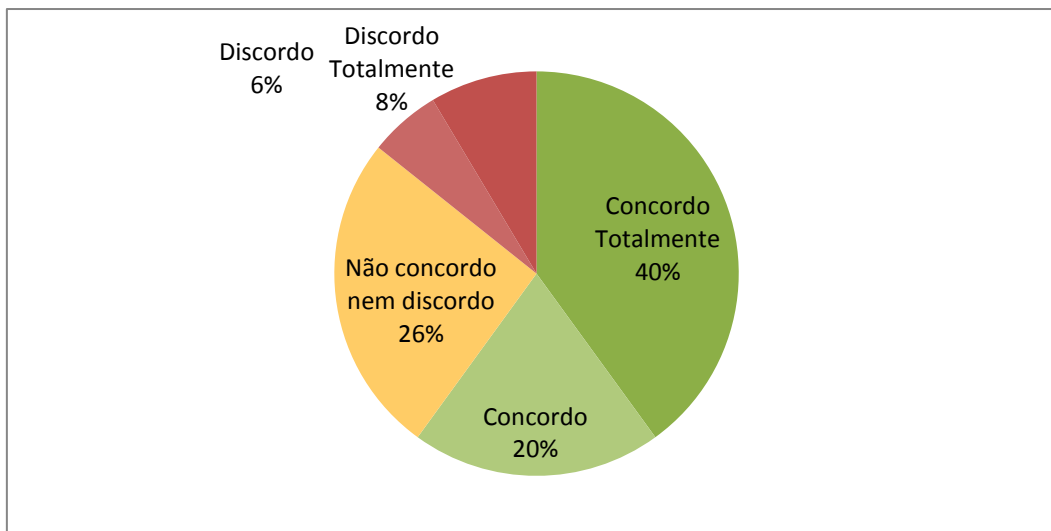
Outro vector analisado vai ao encontro destas mesmas ações e a sua transmissão para com a comunidade e para com os voluntários – atores fundamentais na dinâmica da WWOOF Portugal. Neste sentido, os inquiridos foram questionados em relação à sua partilha de conhecimentos sobre temáticas “verdes”, ecológicas e de sustentabilidade, com os seus voluntários e os resultados revelaram que se trata, efetivamente, de uma preocupação por parte dos inquiridos. Segundo o gráfico 13, 94% (N=33) concorda com esta premissa, afirmando um dos princípios fundamentais da WWOOF: a partilha de conhecimentos sobre agricultura biológica e demais práticas ambientais.

Gráfico 13: Transmite, aos voluntários, valores "verdes" e ecológicos.



Esta mesma questão foi perspectivada em relação à comunidade, para se verificar se, além de existir interação ambiental com o meio, se existe alguma dinâmica com o meio social. As respostas foram, uma vez mais, positivas, sendo representadas por 60% (N=21) dos anfitriões inquiridos. Verificando o gráfico 14, podemos, ainda, verificar que 26% dos indivíduos deu uma resposta neutra (N=8) o que indicia, por um lado, um isolamento por parte dos anfitriões, em, por outro, revela a deficiente comunicação entre quintas e comunidade circundante.

²⁰ Tradução livre: “Os grupos da WWOOF funcionam, idealmente, de forma sustentável: ecologicamente (usando computadores alimentados por energia solar e impressões amigas do ambiente), socialmente (oferecendo oportunidades de emprego rural e tratamento igual perante todos os trabalhadores), e economicamente, sem explorar o ambiente ou as pessoas.”

Gráfico 14: Transmite, à comunidade, valores "verdes" e ecológicos

4.3.3 Preservação da identidade local

Como foi mencionado anteriormente, a grande maioria dos anfitriões da WWOOF Portugal não é de nacionalidade portuguesa. Contudo, integram-se em localidades, maioritariamente rurais, onde a população que os rodeia se encontra ainda muito ligada às lides do campo e às tradicionais socioculturais inerentes ao meio. Embora estes rituais mantenham certos traços genéricos, de aldeia para aldeia, de vila para vila, é nos indivíduos que encontramos a autenticidade e a unicidade de cada lugar.

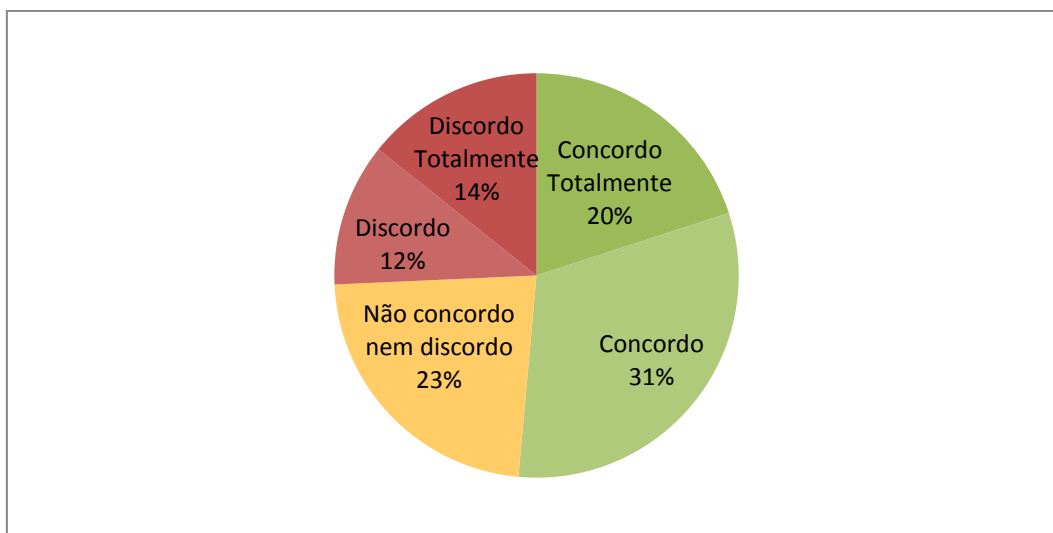
Esta noção de identidade que caracteriza as comunidades mais pequenas, onde a WWOOF Portugal se encontra com mais intensidade e, “ocorrerá efetivamente a partir do momento que se tomar consciente da importância [...] da sua própria história e da capacidade de poder influenciar o seu entorno, ao desvelar as suas capacidades, competências e habilidade de se organizar a partir das suas limitações geofísicas” (Castilho et al., 2009, p.161). Deste modo, encontra-se um equilíbrio entre as comunidades e os anfitriões e voluntários que crescem, nas suas dinâmicas diárias, as suas próprias histórias, capacidades e competências (Alvarez, 2010).

Na presente fase do estudo, procurou-se definir a relação entre a WWOOF – uma organização mundial, sem fins lucrativos, cujo principal objetivo é a transmissão de conhecimentos sobre agricultura biológica e demais comportamentos ecológicos – e os

lugares, aos quais se associam indivíduos e expressões socioculturais, onde florescem projetos com estes mesmos objetivos.

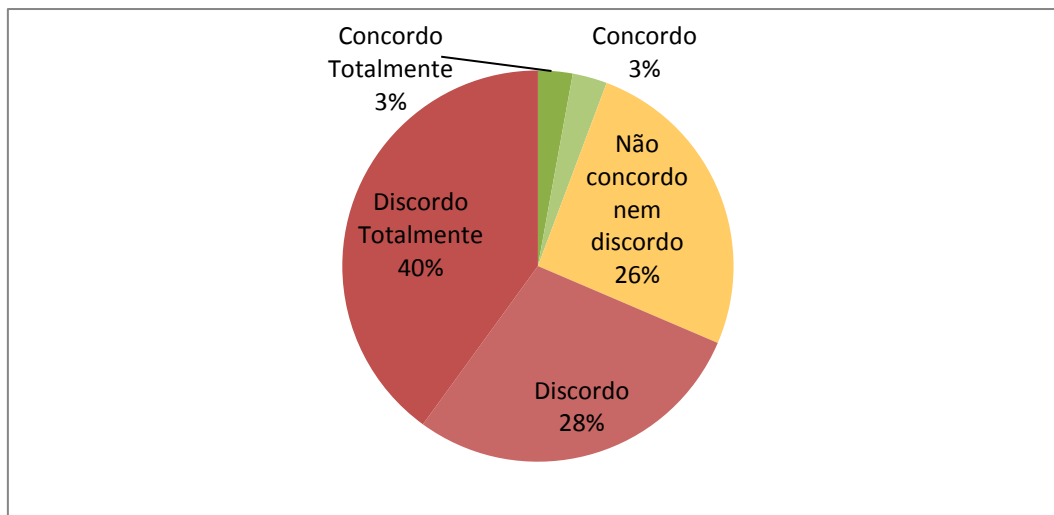
Consequentemente, a primeira questão, associada a esta temática, inquiria, diretamente, sobre o impacto da WWOOF nestes lugares e nas suas gentes. As opiniões divergiram de uma forma muito equilibrada, sendo que 51% (N=18) da amostra reconhece o impacto da sua presença na vida das comunidades, e os restantes 49% (N=17) dividem opiniões neutras e negativas.

Gráfico 15: A quinta WWOOF causa impacto na comunidade local.



Este resultado não era o esperado, e reflecte o isolamento/afastamento dos anfitriões face às comunidades onde se inserem. Se por um lado os anfitriões confirmam um impacto ao nível ambiental, pois reconhecem que as suas ações têm efeitos válidos, a longo prazo, no planeta e, mais concretamente nos lugares onde habitam, por outro lado, não existe o *feedback* por parte da sociedade, com a qual é partilhado o meio.

Associada a esta questão, é possível realçar o desinteresse das comunidades nesta organização, uma vez que apenas 6% (N=2) dos inquiridos acredita que outros membros da comunidade gostariam de fazer parte da WWOOF Portugal, recebendo voluntários para partilhar conhecimentos. No gráfico 16, é possível verificar que 68% (N=23) da amostra não crê no interesse da comunidade como membros da WWOOF Portugal, o que indica, sobretudo, o desconhecimento relativamente a esta organização, que poderá ser uma consequência da falta de comunicação, entre anfitriões e a comunidade, como se pode verificar no gráfico 17 e 18.

Gráfico 16: A comunidade quer integrar a WWOOF Portugal.

Se por um lado os anfitriões manifestam a sua comunicação com outros membros da comunidade, nomeadamente jovens e idosos, por outro lado tem consciência que esta dinâmica não é muito rica em partilha, uma vez que a expressão “passar tempo de qualidade” teve um número de respostas muito inferior quando comparado com a expressão “comunicar”.

Desta feita, pode-se observar no gráfico 17 que quase três quartos da amostra afirma comunicar com os indivíduos da sua comunidade. Já no gráfico 18, apenas 46 % (N=16) afirmou passar “tempo de qualidade”, isto é, desfrutar de momentos de lazer e/ou convívio com os indivíduos da sua comunidade. No segundo gráfico, é, ainda, possível verificar que 31% (N= 11) da amostra mantiveram uma perspectiva neutra, apontando para os indícios referidos anteriormente, na presente fase do estudo.

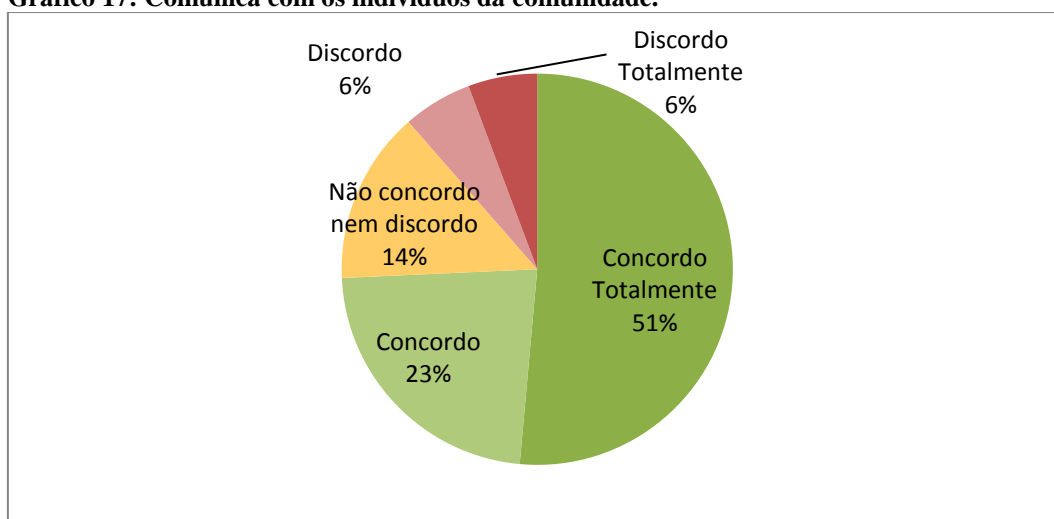
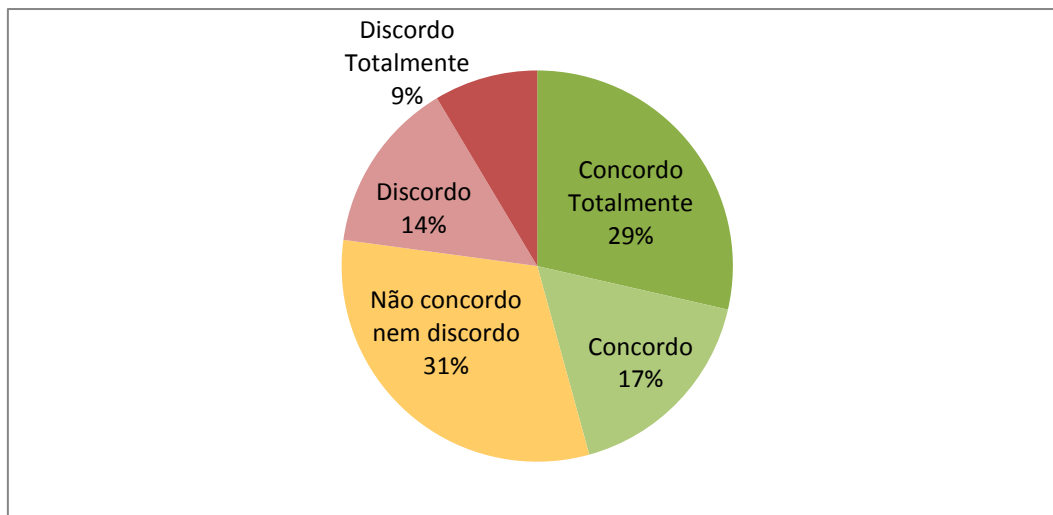
Gráfico 17: Comunica com os indivíduos da comunidade.

Gráfico 18: Passa "tempo de qualidade" com os indivíduos da comunidade.

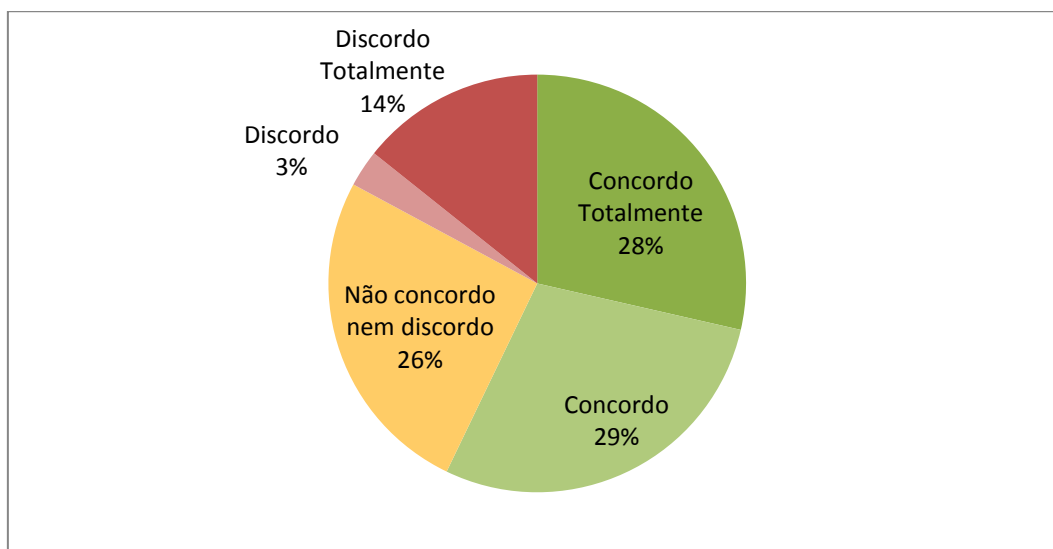
Foi realizada uma questão relativa às aprendizagens locais, sobre o conhecimento tradicional, nem sempre ecológico, mas, dada a escala da sua aplicação, com algumas características de sustentabilidade e de preservação do meio. Esta questão foi recebida positivamente pelos inquiridos, uma vez que 72% (N=25) concorda com a utilização de conhecimentos tradicionais aplicados aos seus projetos. Apenas 11% (N=3) inquiridos discorda desta abordagem, revelando a existência de relativo interesse nos conhecimentos comunitários e tradicionais, que permitem a criação de uma ponte entre a partilha e a transmissão de conhecimentos, entre os atores deste estudo.

O interesse por estes conhecimentos tradicionais poderá também variar consoante a predisposição da comunidade para defender o seu património, que mais, ou menos, efusivamente terá influência na forma de compreender os saberes tradicionais, por parte de anfitriões que, relembrando, terão um background internacional. Assim, quando questionados sobre o seu ponto de vista em relação à força da comunidade na preservação dos seus conhecimentos tradicionais, 63% (N=22) da amostra confirmou esta premissa, reforçando a importância de uma comunidade se manter próxima de valores tradicionais, ricos em história e saber, como motor de preservação da sua identidade sociocultural.

Por conseguinte, considerou-se fundamental a compreensão da posição destes anfitriões, junto das suas comunidades, para a criação de ações de preservação de cultura tradicional. A questão realizada compreendia um universo bastante amplo, uma vez que abrange a dimensão agrícola, ambiental, artesanal e gastronómica, assim como outras áreas do conhecimento, do mais prático ao mais teórico, que podem ter interpretações

diversas por parte dos anfitriões da WWOOF. Contudo, esta questão obteve 57% (N=20) das respostas positivas, como é possível visualizar no gráfico 19. Esta dimensão, ainda que pouco impactante, reflecte um espírito de perpetuação de conhecimentos. Conjugado com os resultados anteriores, este último gráfico traduz uma vontade crescente do envolvimento dos inquiridos com a comunidade que os recebe e que pode, ainda, transmitir elementos válidos sobre o seu património e a sua identidade local.

Gráfico 19: Realização de ações de preservação de cultura tradicional, por parte dos anfitriões.



A transmissão de conhecimentos é um dos princípios base da WWOOF, pelo que se considera fundamental compreender o olhar dos anfitriões sobre outro membro fundamental na simbiose entre as quintas biológicas, o meio e o DLS: os voluntários.

4.4. Voluntariado

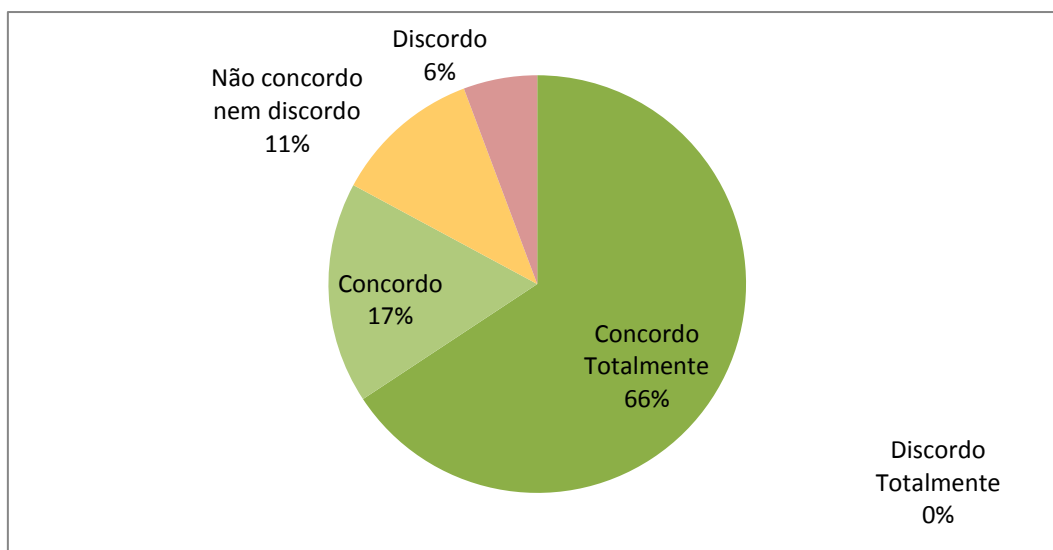
Considerando que, quase, dois mil voluntários chegam a Portugal, anualmente, para integrar quintas biológicas, membros da WWOOF, não foram recolhidos dados neste universo, uma vez que existiriam demasiadas variáveis para serem abordadas e desenvolvidas no presente trabalho. Contudo, a importância dos voluntários é vital para os projetos da WWOOF Portugal, e a relação entre anfitrião e voluntário faz parte de um processo que enfatiza valores familiares e de pedagogia, uma vez que esta relação se baseia numa apreciação mútua, para que se verifiquem mudanças nas duas partes (Kosnik, 2013).

Como no ponto anterior, procurou-se compreender o olhar dos anfitriões sobre estes atores.

4.4.1 Papel dos voluntários para o DLS

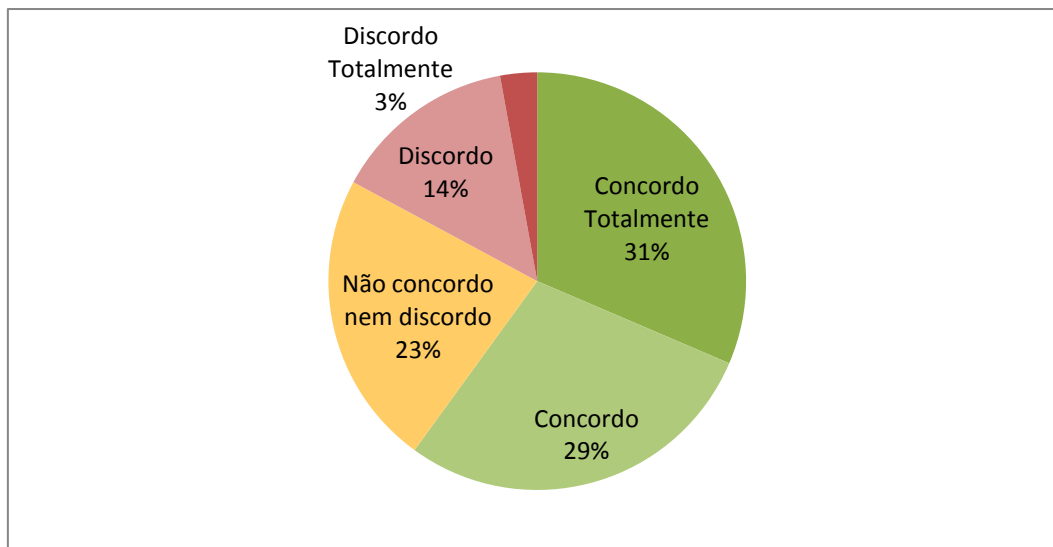
Nesta lógica do ponto 4.3, os inquiridos foram questionados sobre a interação dos seus voluntários com o meio, quer ambiental, quer sociocultural.

Gráfico 20: Os voluntários interagem com o meio ambiental e social.



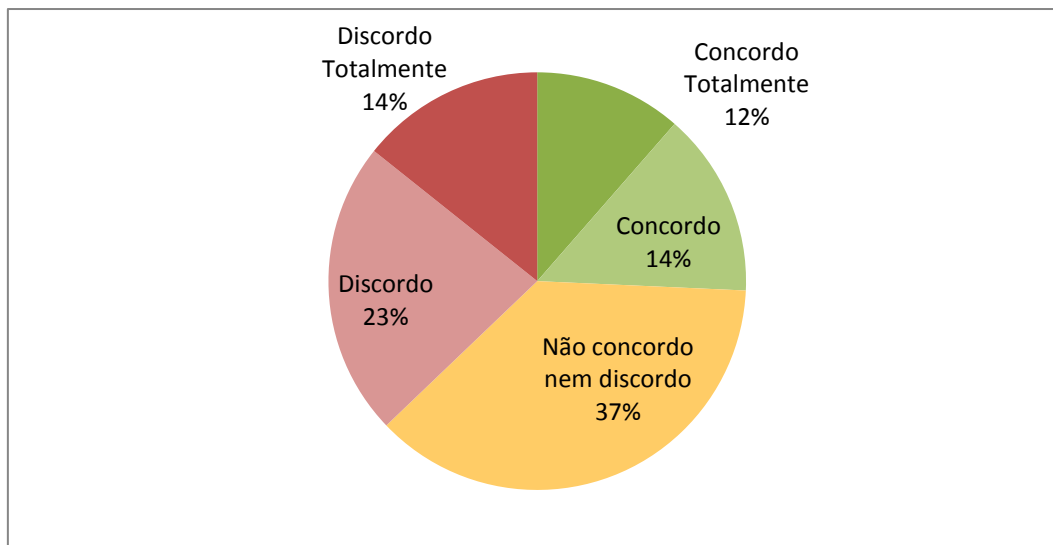
Observando o gráfico 20, é possível verificar que 83% (N=29) dos inquiridos considera que os voluntários, que recebem através da WWOOF Portugal, interagem, de facto, com o meio que envolve os seus projetos, sendo possível afirmar que o meio tem, então, importância para os voluntários, na medida em que, ambiental e socialmente, existe uma dinâmica entre estes indivíduos, que se deslocam para Portugal para aprender sobre agricultura biológica, e o meio onde se acomodam, observada pelos anfitriões.

Consequentemente, procurou-se compreender se esta interação iria além daquelas que são implícitas num ambiente diário numa quinta biológica, ou se haveria, também, interações durante o tempo de lazer. Foi, então, possível apurar que os voluntários procuram, também, atividades nos seus tempos livres, através da confirmação de 60% (N=21) anfitriões que observarão, efectivamente, os seus voluntários a usufruir do património do lugar onde escolheram realizar voluntariado.

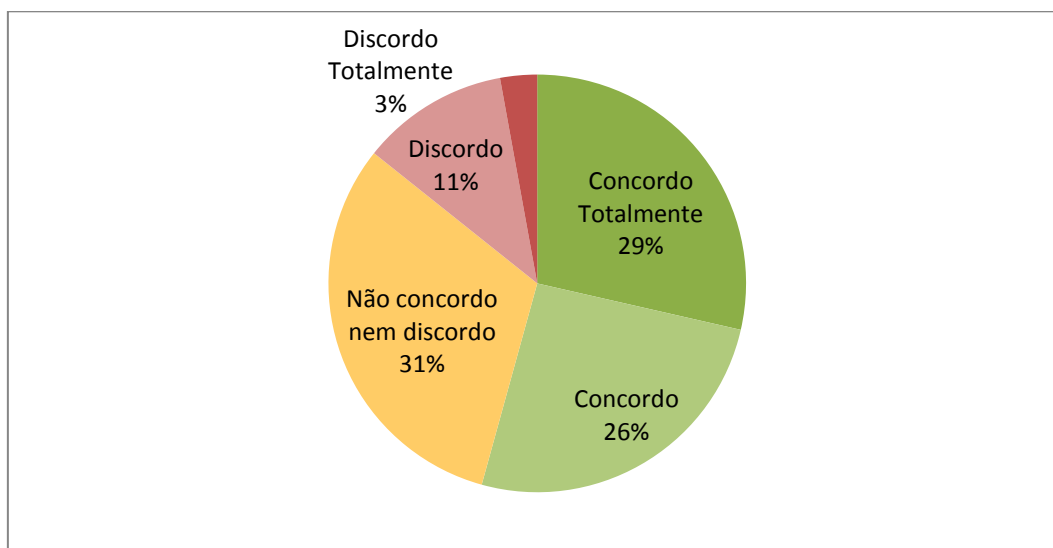
Gráfico 21: Os voluntários desfrutam os seus tempos livres no meio onde se localiza a quinta.

É fundamental relembrar que a maioria das quintas da WWOOF Portugal se localiza em meio rural, pelo que os tempos livres dos voluntários poderão ter impacto em lugares onde existe pouca ou nenhuma interação social, podendo, a variável observada, verificar-se apenas na relação com o património ambiental. Contudo, não pode cair em esquecimento o facto de que é observada interação dos voluntários para além do ambiente na quinta onde estão instalados.

Outra variável a estudo relaciona-se com o nível de interesse dos voluntários pelo património do lugar para onde viajam, no início da sua estadia e no final da sua estadia. Com duas questões que avaliaram esta premissa, foi possível observar, nos gráficos 22 e 23, que existe um aumento do interesse dos voluntários, após a sua passagem em determinada quinta.

Gráfico 22: Os voluntários demonstram interesse no património local no início da sua estadia.

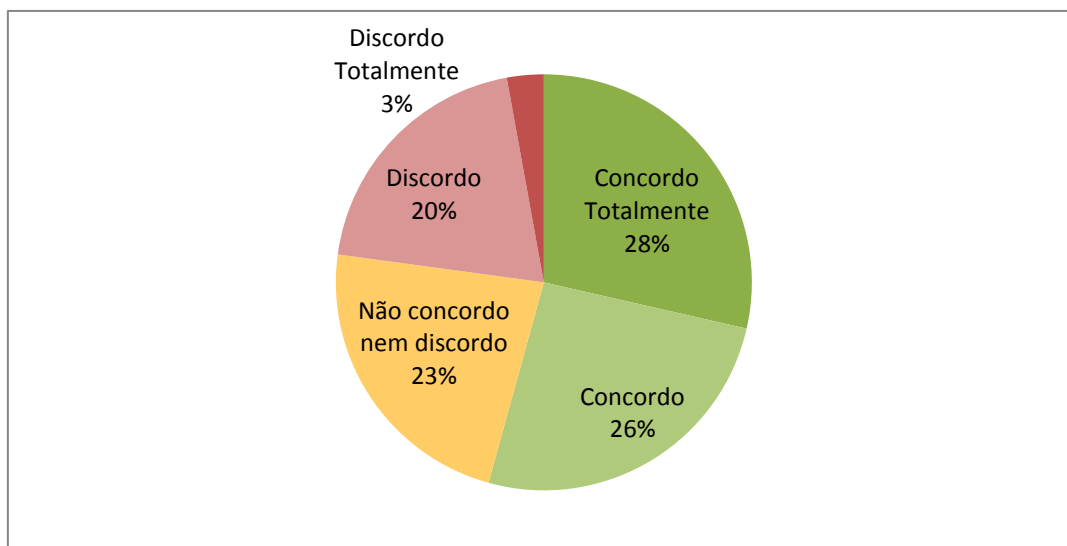
No início da estadia dos mesmos, apenas 26% (N=9) dos inquiridos concorda com a existência de interesse no património do local onde se inserem. Já 37% (N=13) da amostra absteve-se de concordar ou discordar, mantendo uma posição neutra, que representará o desconhecimento do anfitrião em relação às expectativas do voluntário, para temáticas externas às atividades da quinta. Os voluntários candidatam-se à participação nesta dinâmica através de uma mensagem escrita, que pode resultar em entrevistas digitais, mas que, geralmente, é o suficiente para o efectivo recebimento destes indivíduos nos diferentes projetos. Assim, muitas das expectativas são apenas conhecidas após o contato diário com os voluntários, podendo, este acontecimento, justificar as diversas respostas neutras obtidas.

Gráfico 23: Os voluntários demonstram interesse no património local no final da sua estadia.

Já no que remete para o interesse demonstrado pelos voluntários no final da sua estadia, a opinião dos anfitriões difere e mais de metade dos inquiridos concorda que os voluntários demonstram interesse na comunidade e no património local, no final da sua estadia. Este aumento de 29% (N=10) revela que a relação dos voluntários com os seus anfitriões e com os locais que os rodeiam evolui positivamente durante as suas ações de voluntariado.

Em consequência desta questão, inquiriu-se, diretamente, sobre a temática do Desenvolvimento Local, procurando-se compreender se o impacto do envolvimento destes voluntários com o meio lhes confere outro nível de interesse: a preocupação pós-turma. Assim, analisando o gráfico 24, é possível verificar que 54% (N=19) da amostra acredita que os seus voluntários reconhecem a importância de se perpetuar um projeto, com um cerne sustentável, relacionado com a produção biológica, como um ímpeto de desenvolvimento em determinado local. É fundamental afirmar-se a consciência dos anfitriões na sua relação com o meio, mas também com os voluntários que recebem e no conhecimento que lhes é transmitido (Börjars, 2012).

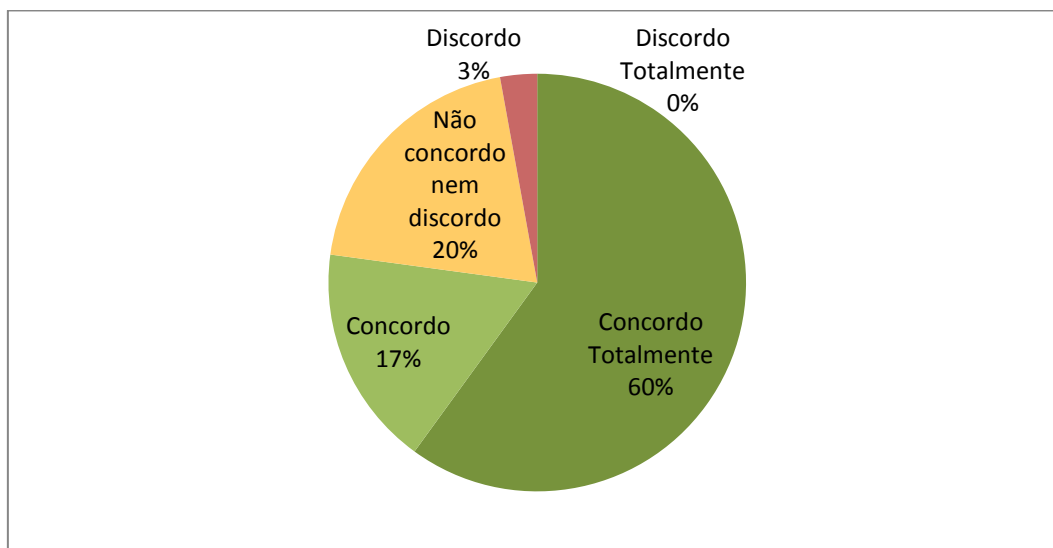
Gráfico 24: Os voluntários demonstram preocupação com o desenvolvimento do local onde a quinta se insere.



Para encerrar este ciclo de questões, optou-se por voltar à premissa inicial e despertar a consciência de cada anfitrião para a importância do DLS. Assim, após um questionário que, dissimuladamente, foi oferecendo pistas e linhas de pensamento em relação às dimensões do DLS, refez-se a questão inicial, procurando a resposta na sequência da

importância do Desenvolvimento Local para os voluntários, alterando-se apenas os atores desta. Assim, 77% (N=27) dos inquiridos demonstrou concordar com a premissa de que o Desenvolvimento Sustentável, do local onde a quinta se insere, é um fator importante para a continuação do seu projeto como quinta biológica, membro da WWOOF Portugal.

Gráfico 25: O DLS é um fator importante para a continuação do projeto como quinta biológica.



Os resultados do inquérito por questionário a anfitriões da WWOOF Portugal foram ao encontro do que era esperado, após a análise bibliográfica e documental, e servem agora o propósito de se realizarem diversas conclusões. Estas serão cruzadas com a análise realizada à entrevista a Rodrigo Rocha, o actual coordenador da WWOOF Portugal, que, de um ponto de vista mais organizacional.

4.5. DLS e a WWOOF Portugal

Neste ponto o objetivo primordial é analisar a perspectiva de um membro da associação em causa, para se estabelecerem alguns pontos comuns entre a organização – que é internacional, mas actua em cada nação, em focos locais – e os anfitriões - principais atores nesta dinâmica, uma vez que integram estes focos locais, com os seus projetos e criando ligações com voluntários de todo o mundo. Foi então realizada uma entrevista ao coordenador actual da WWOOF Portugal: Rodrigo Rocha. Esta entrevista foi dirigida semi estruturalmente, dando espaço ao entrevistado, para criar a sua narrativa. Após realizada e transcrita, a entrevista foi analisada considerando as diferentes

dimensões que constroem um DLS, e, por isso, atendeu-se a uma tabela onde foram levantadas diversas citações, inerentes a cada uma das dimensões.

Assim, a entrevista resultou na seguinte tabela:

Tabela 3: Análise de conteúdo temático à entrevista semiestruturada

Objetivos	Qualidade de vida	<ul style="list-style-type: none"> • "vida tranquila, fora do circuito de consumo, o que permite não trabalhar excessivamente com pouco dinheiro" • "estava extremamente isolado lá, e tive que alterar essa situação (...) se calhar só aguentei lá cinco anos por causa dos wwoofers"
	Equidade social	<ul style="list-style-type: none"> • "era fundamental envolvê-los na minha vida social, privada" • "nos Açores, onde o deslocamento dos voluntários era muito caro, para estimular (os anfitriões) nós oferecemos a anualidade durante dois anos. Funcionou extremamente bem."
Pré-requisito	Economia local e eficiente	<ul style="list-style-type: none"> • "não via como parte económica, via como social. Levava-os ao mercado em Estremoz onde estão os velhotes a vender as galinhas (...) é bastante pitoresco" • "se ia ao mercado municipal de Estremoz, eles iam comigo"
Condicionantes	Preservação ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • "gestão da água, da alimentação, o ciclo: a comida sai da horta e vai para o prato" • "há tomate, comemos tomate, há batata, comemos batata" • "fazer compostas, recuperar da natureza e guardar essas coisas preciosas" • "na prática enchemos 10 Air Buses com voluntários todos os anos (...) o impacto dessas duas mil pessoas a virem para Portugal já é totalmente nada sustentável" • "em termos ambientais o impacto é sempre positivo. Dois mil voluntários, cada um fica em média um mês a trabalhar 4h por dia, é uma mão de obra exclusivamente à coisa ecológica"
	Preservação da identidade local	<ul style="list-style-type: none"> • "ia sempre às pedreiras de Vila Viçosa, tinha um tour turístico que fazia sempre com os voluntários" • "a malta da Carrapateira já tem essa invasão turística sem ser woofing (...) e tem um impacto negativo na aldeia" • "em Trás os Montes, de repente, chega lá uma rapariguinha de 25 anos, alemã, que vai beber uma cerveja no café, se calhar gera um impacto engraçado, uma troca cultural curiosa entre os velhotes" • "socialmente depende muito do sítio"

No que concerne aos objetivos do DLS, podemos retirar, do conjunto de premissas da entrevista com Rodrigo Rocha, que a qualidade de vida de um anfitrião da WWOOF terá uma relação direta com a localização da mesma. O inquirido refere “isolamento” como uma consequência de um estilo de vida alternativo, num âmbito extremamente rural, mas que possibilita uma “vida tranquila”. Desta forma, compreende-se é possível usufruir de qualidade de vida num ambiente onde exista uma interação social com o local, sendo, consequentemente, fundamental para o Desenvolvimento sustentável.

Já no que remete para a dimensão da equidade social, um valor tão intimamente ligado ao anterior e, por isso, inexistente se houver uma ausência de comunidade local, é possível verificar-se num universo distinto – na relação do entrevistado com os voluntários. Na qualidade de ex-anfitrião, Rodrigo Rocha referiu um determinado isolamento social, mas colmata-o com a sua relação com os voluntários.

Se entendermos a equidade social, como um conjunto de ações que potencia a igualdade perante a diferença que cada indivíduo carrega na qualidade de ser humano, ainda que, no caso específico, não coexista frequentemente com uma comunidade fixa em determinado local, aconteceu com os voluntários que passaram pela quinta de Rodrigo Rocha. Este afirma que a interação com os voluntários ia além do seu trabalho diário, sendo encontrada nos fundamentos do convívio, da envolvimento na vida social e privada. Deste modo, é possível afirmar que os projetos da WWOOF Portugal prevêm uma dinâmica extra trabalho, potenciada por diversos motivos, conduzida para objetivos comuns: a qualidade de vida e a equidade social.

Outro vislumbre da importância da equidade social para esta associação está na afirmação de Rodrigo Rocha, referente aos anfitriões das ilhas portuguesas. Estes, padecendo das vicissitudes da sua remota localização geográfica, receberam soluções por parte da WWOOF Portugal. Para promover a presença de mais voluntários e a criação de novos projetos WWOOF nas ilhas, ofereceram dois anos de anualidades gratuitas, para que as quintas insulares pudessem ter uma motivação para a continuidade dos seus projetos. Perante uma situação atípica, foi procurada uma solução, simples, mas que promove a equidade entre os membros da associação, e, por conseguinte, promove o DLS nos Açores (e na Madeira, também).

Na sequência dos objetivos do DLS, é importante compreender o pré-requisito para que este conceito exista e evolua: a economia local e eficiente. Relativamente a esta

dimensão, o entrevistado ofereceu diversos exemplos da existência de uma dinâmica económica entre os anfitriões, os voluntários e o local.

Por um lado a participação, num papel de consumidor, nos mercados locais, potencia, indubitavelmente, o DLS, uma vez que, mesmo valores baixos circulam e contribuem para um movimento de capital. Se os voluntários e os anfitriões não comprassem nestes mercados, haveria outros compradores; no entanto, esta participação nos mercados vai além do capital, e é pontuada pelas trocas culturais, cada vez mais frequentes num mundo global, mas nem sempre postas em prática num ambiente glocal. Com a interação dos membros da WWOOF Portugal junto da comunidade local, e das suas tradições, é clara a importância destes projetos para o DLS.

Outra dimensão do DLS que beneficia e que cresce com a existência desta Associação é, obviamente, a vertente ecológica e ambiental.

Como a própria nomenclatura da associação indica, a ideologia orgânica, ecológica, determina a pertença das quintas a esta organização e, consequentemente, traduz as suas convicções. Rodrigo Rocha enaltece os conhecimentos passados entre anfitrião e voluntário, no que remete, sobretudo para o respeito pelos *timings* da natureza. Este é, evidentemente, um indício de que estas quintas promovem a preservação ambiental, e, nesta lógica, potenciam o DLS.

Contudo, é importante reflectir sobre outras afirmações de Rodrigo Rocha; se por um lado "em termos ambientais o impacto é sempre positivo. Dois mil voluntários, cada um fica em média um mês a trabalhar 4h por dia, é uma mão-de-obra exclusivamente à coisa ecológica", por outro lado existe o fator distância: estes voluntários são, na sua maioria estrangeiros, logo, está implicado um impacto nada sustentável, no que remete para as deslocações dos mesmos. Segundo a ANAC, o "ruído e as emissões com efeito de estufa constituem os principais fatores de impacto da aviação no clima, quer ao nível dos aeroportos e zonas envolventes, quer no plano das alterações climáticas. No que se refere às alterações climáticas, o crescimento das emissões das aeronaves ao ritmo atual poderia comprometer de forma significativa as reduções que têm sido efectuadas por outros sectores de atividade caso não fossem tomadas quaisquer medidas neste domínio"²¹. Deste modo, está-se perante um impasse, uma vez que a ação dos

²¹ Aviação e Proteção Ambiental: <https://www.anac.pt/>

voluntários contribui, efectivamente, a nível local para a preservação do ambiente, mas, num cenário global, afecta, profundamente, o equilíbrio ecológico. É, por isso, um tema complexo, como referiu o entrevistado, e poderá ser muito debatido. Contudo, dado que o tema do presente estudo é o DLS, é possível afirmar que, nesses micro regionalismos, existe, efectivamente, preocupação com a natureza, ações para a preservação da mesma e consciência ambiental, com o contributo das diversas quintas WWOOF, mas também dos seus voluntários.

Outra dimensão condicionante do DLS, em linha com o pensamento de Covas (2008), é a identidade local e cultural, os regionalismos e os produtos endógenos que caracterizam determinado local. Neste aspecto, o Rodrigo Rocha faz algumas afirmações dicotómicas, uma vez que considera que ao nível social, o lugar específico terá muita influência na forma como se desenrola a relação entre anfitriões, voluntários e comunidade local. Se, por um lado, os locais mais turísticos receberão estas iniciativas como “mais um” meio de movimentar capital, outras localidades, mais isoladas, poderão usufruir dos contrastes culturais que esta associação proporciona. Utilizando o exemplo do entrevistado, "em Trás-os-Montes, de repente, chega lá uma rapariguinha de 25 anos, alemã, que vai beber uma cerveja no café, se calhar gera um impacto engraçado, uma troca cultural curiosa entre os velhotes". Esta troca cultural, extremamente conectada com a identidade de determinado indivíduo ou de determinado local, causa uma ruptura na norma diária destas localidades e vice-versa. Ao existir esta ruptura, é comum que os locais, uma vez que se apresentam em maior número e possuem uma posição mais segura, sintam que possam partilhar o seu património, preservando-o em memória e narrativa. Já os voluntários, portadores também de uma identidade cultural, podem participar nesta troca cultural, contribuindo para uma cultura glocal, que preserva a identidade de determinado local, difundindo-a, mas também a enriquece, cruzando-a com outros saberes e tradições.

4.6. Em síntese: inquéritos por questionário

No que concerne às respostas dos anfitriões, ainda que estas representem apenas 22,07% da cota de devoluções dos inquéritos por questionário realizados, podemos retirar conclusões que primam pela sua validade epistemológica, patente na unicidade do presente estudo.

Tendo em consideração os objetivos do DLS, podemos afirmar que, face a esta investigação, os projetos da WWOOF Portugal contribuem para o aumento da qualidade de vida das comunidades onde se inserem, uma vez que o inquérito se iniciou com um exercício de auto-reflexão, por parte dos inquiridos. Observando as suas respostas é possível verificar que as ações realizadas nas suas quintas traduzem uma alteração do estado das suas comunidades que, realizadas na plena consciência dos inquiridos, demonstra que há uma mudança. Segundo Buarque (1999), “desenvolvimento local sustentável é o processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade” (p.31), pelo que, verificando uma grande percentagem de respostas positivas às questões relacionadas com a “realização de atividades de cariz sociocultural e ambiental” por parte dos anfitriões, é possível afirmar que os indivíduos associados à WWOOF Portugal, podem gerar mudança e elevação das oportunidades, numa perspetiva local.

Relativamente ao grande pré-requisito do DLS, foi possível apurar, também, resultados positivos através de questões que quantificavam práticas de produção de bens, implícitas na consciência biológica que caracteriza as quintas da WWOOF, assim como a participação, do ponto de vista de produtor e de consumidor, em mercados locais, que segundo Covas (2008), contribuem para a criação de capital social, partindo dos produtos locais, sob o epíteto global, para a promoção de “estruturas associativas, de relações institucionais, de medidas activas de criação de emprego, de relações comunitárias e formação de mercados locais, de mobilização de jovens para o empreendedorismo” (p. 7). Nesta lógica, os inquiridos determinaram que a intervenção em mercados locais, numa ação de consumidor será mais efectiva do que numa lógica de produtor/vendedor. Contudo, é importante reter que a amostra deste estudo não revelou quaisquer dados demográficos, para permitir uma maior generalização dos resultados, pelo que deverá ser considerada a probabilidade do universo ser pouco dinâmico numa lógica de vendas, dadas as condições sociogeográficas que os poderão reger. No entanto, e representando perto de um quarto da totalidade de anfitriões no território nacional, poderemos afirmar que, do ponto de vista económico, os projetos da WWOOF Portugal, encontram espaço nas iniciativas de consumo locais, mais próximas da ótica de consumidor, demarcando, também, espaço no âmbito da consciência alimentar, dado que as respostas relativas à qualidade biológica dos produtos representaram valores muito positivos, no presente estudo.

Atendendo aos condicionantes na equação do DLS, inquiriu-se os anfitriões sobre as suas atitudes ambientais e culturais, perante as comunidades que os acolhem. Assim, foi

possível confirmar a importância da preservação ambiental, já implícita no âmago da WWOOF. O inquérito dirigia uma série de questões relacionadas com boas práticas ambientais (a sua alimentação é, maioritariamente, biológica/ecológica; utiliza, de alguma forma, energias renováveis/limpas; faz compostagem, etc.) tendo sido recebidas, sobretudo, respostas positivas. Nesta dimensão os resultados positivos eram já expectados, uma vez que qualquer membro da WWOOF Portugal deverá cumprir o maior requisito: dar primazia a práticas biológicas e sustentáveis. Por este motivo, não houve qualquer surpresa nos resultados obtidos. Contudo, é importante enfatizar que a vertente da transmissão de conhecimentos sobre a preservação ambiental foi inquirida e recebida com igual positividade, inclusivamente no fator de transmissão de conhecimentos ecológicos à comunidade. Esta questão remete diretamente para a relação entre anfitriões da WWOOF e a comunidade, corroborando uma premissa já evidenciada durante este estudo: existe efectivo contato com a comunidade onde os projetos ocorrem e é um contato passível de construir conhecimento. Estabelece-se, deste modo, uma ligação para o inquérito sobre a preservação de identidade.

Ao longo deste estudo foram confrontadas diversas ideologias relativas à noção de identidade, que enquadrados nesta conclusão, se podem sumariar nas palavras de Castilho et al. (2008) “uma construção de valores, hábitos, costumes e atitudes que caracterizam um grupo de pessoas ou comunidade [...] a partir do momento em que se intensifica o viver e o compartilhar da vida em comum para poder superar o comportamento individualizado” (p. 167). Deste modo, nas questões relativas à preservação de identidade foi inquirida a percepção sobre o olhar da comunidade em relação às atividades na quinta, tendo sido também indagada a inclusão da comunidade em dinâmicas que conectem o projecto com o meio sociocultural. Os resultados demonstraram que esta é ainda uma dimensão pouco explorada, revelando algumas disparidades. Por um lado houve uma tentativa para se compreender a percepção dos anfitriões, na qualidade de projecto inspirador para a criação de atividades colectivas e com objetivos comuns, sobre as reações das comunidades que os acolhem, e por outro lado procurou-se compreender a visão dos inquiridos sobre as qualidades identitárias das próprias comunidades onde se inserem.

Relativamente à primeira abordagem, foi possível compreender que as comunidades, do ponto de vista dos anfitriões da WWOOF Portugal, não procuram fazer parte desta organização, enquanto membros ativos, dinamizando práticas de agricultura biológica. Porém, os resultados revelaram que existe, efectivamente, comunicação, relacionada,

sobretudo, com a transmissão de conhecimentos, em detrimento da criação de momentos de lazer. Este facto reflecte a existência de ligações entre as comunidades e os anfitriões, que permitem um crescimento cultural e identitário, resultado da definição individual por comparação com o “outro”, relativamente às raízes, aos valores, ao património, à memória e, até mesmo, ao presente e ao futuro (Ramos, 2001).

Considerando a segunda abordagem, foi possível compreender a preocupação por parte das comunidades locais em preservar as suas raízes, os seus saberes e conhecimentos, de tal forma, que é claramente detetada pelos anfitriões. No decorrer do inquérito prevaleceram respostas positivas que indicam “a procura de um saber original que possa emergir de um saber partilhado, gerador de novas percepções, novas compreensões e novas dúvidas que, no seu conjunto, possam ajudar a definir processos identitários dinâmicos e inacabados para poderem continuar a garantir o desejo e as condições do seu próprio desenvolvimento” (Sá-Chaves, 2007, p.22). As comunidades, defendendo práticas de carácter tradicional, coadjuvadas pelos membros da WWOOF Portugal, promovem a criação de uma rede de partilha, muitas vezes multicultural, que acrescenta uma nova dinâmica identitária e preserva a já existente.

Em síntese, as diferentes dimensões do DLS foram identificadas ao longo da análise dos questionários, permitindo afirmar que os projetos associados à WWOOF Portugal podem contribuir para o Desenvolvimento Sustentável, dos locais onde se inserem, ainda que essa não seja uma motivação pré-existente.

Associados às quintas WWOOF temos, numa regra geral, os voluntários. Estes são o reflexo pleno da multiculturalidade fomentada por estes projetos e é graças a estes que se perpétua a ação da Associação. Por este motivo, procurou-se compreender a sua posição relativamente à importância do desenvolvimento, pelo olhar dos anfitriões. Nesta secção, o valor epistémico da presente investigação ressent-se na ausência de testemunhos diretos por parte de WWOOFers, contudo, foi considerado que a recolha de dados neste grupo teria que atender a um grande número de variáveis, incomportáveis de analisar no período disponível para a realização desta tese. Por conseguinte utiliza-se o instrumento de análise já mencionado, para se criar uma imagem, das muitas possíveis, sobre a postura dos voluntários perante o DLS. Assim, os resultados obtidos revelaram que o DLS não é uma das motivações principais dos voluntários, uma vez que os anfitriões reagiram maioritariamente de forma negativa à questão do interesse prévio, por parte dos seus voluntários, em relação ao local. Por contraste, este interesse revelou um crescimento positivo, quando a mesma questão foi

colocada, em relação ao interesse no final da estadia. Esta reação demonstra que os voluntários iniciam a sua atividade com baixas expectativas, mas que existe, do ponto de vista dos anfitriões, uma mudança e uma renovada ligação com o local.

As últimas questões dirigiram-se, diretamente, à temática do DLS, procurando compreender se este conceito se coaduna, na prática, quer como motivação para continuação do projecto WWOOF, quer como motivador para os voluntários que se estabelecem ao serviço destas causas. Verificou-se uma perspectiva positiva, sobretudo na ótica própria de anfitrião. Para estes indivíduos, o Desenvolvimento Sustentável dos locais onde promovem os seus desígnios é um fator determinante para o seu prosseguimento.

O presente estudo previu uma comparação dos resultados anteriores, com os resultados da entrevista realizada. Segue-se a síntese da mesma, que se realizará em paralelo com a comparação dos resultados anteriores.

4.7. Em síntese: entrevista semiestruturada

Na entrevista a Rodrigo Rocha foram escutados diferentes temas, procurando-se encaixar premissas nas diferentes dimensões do DLS. Assim, os resultados das suas assunções na qualidade de coordenador da WWOOF Portugal e como ex-anfitrião foram-se adequando aos resultados obtidos na análise ao questionário, complementando diversas afirmações, com contornos próprios da visão organizacional.

Em relação aos objetivos do DLS, estes podem ser corroborados pela entrevista, uma vez que o inquirido afirma a própria qualidade de vida, assim como a importância do seu papel de anfitrião e a dinâmica com os voluntários para a perpetuação de um projecto geográfica e socialmente solitário e penoso. Considerando a equidade social, o entrevistado reforça a sua existência na dualidade do seu papel. A associação tomou medidas que beneficiassem os anfitriões insulares, revelando uma preocupação com a igualdade de oportunidades perante todos os seus membros, contribuindo, indiretamente, para a intervenção destes na comunidade, potenciando as suas ações de Desenvolvimento Sustentável.

A dimensão económica é também reforçada na medida em que a condição de consumidor é, para o entrevistado, a mais forte ao nível económico, por se tratar de um denominador imediato quando se pensa economicamente e se age local. Por se considerar que a agricultura biológica é a base desta associação, expectou-se que o papel de produtor fosse evidenciado no decorrer do estudo, contudo tanto os resultados

do questionário como da entrevista revelaram que esta não é uma vertente constante no meio dos anfitriões da WWOOF Portugal, não sendo, também, suportada pela entrevista.

Sem surpresas, a preservação do meio ambiente é uma condição comum nos resultados das análises realizadas, sendo uma característica indissociável da WWOOF. Porém, Rodrigo Rocha contribuiu para uma reflexão, ao introduzir a problemática da poluição causada pelos voluntários ao se deslocarem dos seus países de origem para Portugal. Relembrando o relatório de Atividades de 2015 da Associação WWOOF Portugal, os WWOOFers recebidos a nível nacional provêm sobretudo da Alemanha, do Reino Unido e dos Estados Unidos da América, apontando para distâncias que podem variar entre os 2000km e os 9000km, que resultam, obviamente, em elevados consumos ambientais, considerando, apenas, as deslocações! Deste modo, embora os voluntários contribuam para uma agricultura biológica, menos poluente e em pequena escala, e ainda que os anfitriões mantenham uma filosofia “verde”, ecológica e sustentável, existe sempre uma carga poluente agregada a esta atividade. Por oposição, as práticas biológicas e sustentáveis promovem, a nível local, um cuidado com o ambiente a longo prazo.

Considerada a preservação da identidade local os resultados obtidos são também reforçados e complementados com um novo denominador, não previsto pelo questionário realizado. O entrevistado refere que a dinâmica identitária pode ocorrer face ao ambiente multicultural potenciado pelos projetos da WWOOF e os seus WWOOFers, mas pode também ter uma carga mais negativa, sobretudo em regiões onde o turismo seja um fenómeno em ascensão ou em plena força, como é o exemplo do Algarve. Numa região acostumada a uma frequência humana e cultural bastante intensa, os voluntários terão muito pouco a acrescentar, a nível da sua própria identidade cultural, e estarão inseridos num meio repleto de reações a uma “invasão” de cultura, acabando por não contribuir para preservar uma identidade, que pouco tem de sua.

Atendendo ao papel dos voluntários para o DLS, não foram recolhidos dados que colmatassem esta relação, uma vez que, da ótica organizacional, o contato com os voluntários é apenas digital, por via de uma plataforma *online*, não existindo o contato direto, como aquele que é efectuado junto dos anfitriões, para a certificação de todos os requerimentos para integrarem a WWOOF Portugal. Afinal, para se ser WWOOFer não é necessário ter capacidades especiais, basta, apenas, determinação e concordância com as regras definidas em cada anfitrião (Melin, 2012).

Já na condição de ex-anfitrião, o entrevistado referiu diversas situações ocorridas com os seus voluntários. Contudo, o seu olhar sobre a dinâmica específica de voluntário e DLS encontrava-se, cronologicamente, ultrapassado, face aos resultados expectados para o presente estudo.

Em suma, a entrevista acrescentou algumas premissas à construção do conceito de DLS em torno dos projetos da WWOOF Portugal, permitindo afirmar que esta organização, embora não faça deste processo um fio condutor da sua atividade, promove o Desenvolvimento Sustentável, através ações dos seus membros: 1) os anfitriões por integrarem o local, em busca de qualidade de vida e equidade social, enquanto promovem uma economia eficiente e circular, preservando o ambiente e a identidade desse mesmo meio onde se inserem; 2) os voluntários por, altruisticamente, se juntarem a estes anfitriões e participarem nas diferentes dimensões do DLS, acompanhando a postura de quem os acolhe.

CONCLUSÃO

A presente investigação mergulhou num universo muito pouco convencional para os parâmetros da academia, especialmente no contexto nacional. Relembrado Serapioni et al. (2013), as áreas de intervenção onde o voluntariado se destaca são a cultura, a educação, a saúde e a exclusão, sendo que o voluntariado relacionado com o ambiente e a sustentabilidade se distingue como uma área emergente. Deste modo, considera-se que o voluntariado em quintas biológicas, integrado na plataforma da WWOOF Portugal é, ainda, uma temática recente, com pouca bibliografia associada e com diversas potencialidades de análise.

O objetivo deste estudo desenvolveu-se na análise da tríade dinamizadora deste tema - os anfitriões, os voluntários e a entidade legal que possibilita esta simbiose – com o objetivo de se compreender o papel dos anfitriões e dos seus projetos, que implicam, obviamente, a participação de voluntários, para o Desenvolvimento Sustentável dos Locais onde se edificam. Nesta lógica, pretendia-se, também, auferir a visão da WWOOF Portugal, através do olhar do seu coordenador, para que fosse possível comparar as ideologias organizacionais com a sua prática, nas quintas dos seus membros.

Este trabalho serviu-se, assim, de questionários realizados aos anfitriões da WWOOF Portugal e de uma entrevista realizada a Rodrigo Rocha. Estes materiais, juntamente com a análise documental prévia, foram trabalhados partindo de um conceito de DLS, suportado na obra de diversos autores, que apresentam diversas concepções complementares relativas a este tema.

Após a análise à bibliografia, consideraram-se três fases fundamentais: os condicionantes, os pré-requisitos e os objetivos do DLS. Considerando que os principais atores deste processo são as comunidades de determinado lugar, objectiva-se a sua qualidade de vida e a existência de equidade social, exigindo uma economia de ação local e eficiente, condicionadas pela preservação do meio natural e da identidade local, que lhes são subordinadas. Desta feita, tendo em conta o papel das colectividades e do associativismo no DLS, foram procuradas estas características na WWOOF Portugal e na relação desta associação com as comunidades onde os projetos se integram.

Recorrendo aos materiais, referidos anteriormente, foi possível recolher dados que revelam que as quintas biológicas da WWOOF Portugal anexam em si diversas características que contribuem para o processo de Desenvolvimento Sustentável, à escala dos locais onde se inserem.

No que concerne as respostas dos anfitriões, ainda que estas representem apenas 22,07% da cota de devoluções dos inquéritos por questionário realizados, podemos retirar conclusões que primam pela sua validade epistemológica, patente na unicidade do presente estudo. Tendo em consideração as diferentes dimensões do DLS, os resultados auferidos revelam que existe uma preocupação dos anfitriões da WWOOF Portugal com as diferentes vertentes dos locais onde se estabelecem.

Como o próprio conceito fundador da WWOOF fazia prever, a maior incidência de respostas positivas relaciona-se com a preservação do meio ambiente, uma vez que todos os anfitriões devem, para pertencer a esta associação, assumir um compromisso para com as práticas sustentáveis e um modo de vida bio e ecológico. Consequentemente, verificou-se que os objetivos do DLS são também procurados pelos anfitriões da WWOOF, que se identificam positivamente na busca por qualidade de vida e a equidade social. Estes resultados positivos assemelham-se à percepção dos mesmos pela economia local, pré-requisito do DLS, que se verificou, no presente estudo, de um ponto de vista do consumidor. Os anfitriões da WWOOF, de um modo geral, participam em iniciativas locais, como mercados, para consumir, contribuindo para a melhoria da “qualidade de vida das populações aumentando o emprego e a sua qualidade, lutando contra as situações de pobreza e outras formas de exclusão e desenvolvem as comunidades e o território em que se situam, em termos económicos, ecológicos, sociais e culturais, aproveitando e valorizando os recursos numa perspectiva de desenvolvimento duradouro e integrado.” (Campos, 2005, p.7).

Concluída a análise das diferentes dimensões consideradas no presente estudo, é importante realçar que a preservação da identidade e do património – utilizada como complemento à visão de Buarque (1999) e Carvalho (2009) sobre o DLS – foi a que se manteve mais discreta, num contexto de resultados positivos.

Já na entrevista a Rodrigo Rocha, os vários resultados, obtidos previamente, foram corroborados e complementados com algumas reflexões do ponto de vista organizacional. Considerando as dimensões do DLS o entrevistado foi descrevendo o seu papel de ex-anfitrião na mesma direcção que os inquiridos na primeira fase do estudo, indiciando, porém, a amplitude de concepções que os indivíduos podem ter sobre determinado tema. Como exemplo desta premissa temos a noção de qualidade de vida, que, no caso do entrevistado, far-se-ia sentir, mas pautada por um rigoroso isolamento socio geográfico. Assim, a validade do presente estudo vê-se limitada pela

existência de diversas variáveis, que tornaram os resultados da presente investigação mais complexos do que havia sido previsto inicialmente.

No decorrer da entrevista compreendeu-se, também, que a própria organização, nas suas decisões associativistas, aplica ações caracterizadas pela equidade social e, evidentemente, a preservação ambiental, qualidade indissociável do cerne da WWOOF. Contudo, mesmo nesta perspectiva, houve uma preocupação em referir o impacto que os dois mil voluntários, recebidos em Portugal anualmente, causam, em detrimento do ambiente. Estes potenciais WWOOFers ao deslocarem-se para o país da sua escolha, estão a contribuir para o consumo de recursos naturais não renováveis, para, posteriormente, trabalharem com uma consciência ecológica, num determinado local e perspectivando benefícios a médio e longo prazo. Deste modo, verificou-se um paradoxo entre os objetivos da WWOOF e os objetivos do DLS, uma vez que a qualidade de vida das comunidades está condicionada pela preservação do ambiente, que, neste caso específico, de um modo local é protegido, mas que no cômputo global assiste, progressivamente, a uma, quase, incontável destruição dos ecossistemas nos quais o ser humano é apenas uma pequena parte.

Sumariamente, o presente estudo foi percorrido num caminho desconhecido, que reuniu diversos eixos teóricos, para que fosse possível criar conteúdo epistémico, num contexto de Desenvolvimento Sustentável, com a vertente local associada a projetos WWOOF, com características heterógenas, por vezes paradoxais, mas que se dirigem para as mesmas dimensões do DLS. Deste modo, é possível afirmar que as quintas da WWOOF Portugal, e as dinâmicas que lhes são inerentes, contribuem para o Desenvolvimento Sustentável, dos locais onde se inserem. Contudo, este estudo serve, sobretudo, o propósito de investigação futura, desbravando o trilho das iniciativas globais – com uma forte conexão social e ecológica, que é o caso da WWOOF - como instrumentos de Desenvolvimento Sustentável dos locais onde atuam, num meio multicultural, solidário e de índole glocal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvarez, M. (2010) *World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF): Expectations of Hosts and Volunteers* (Dissertação de Mestrado) Universidade de Oslo, Oslo, Noruega. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10852/32637>

Amaro, R. (1998) O Desenvolvimento Local em Portugal. As lições do passado e as exigências do futuro. *A Rede, Edição Especial - dez anos de desenvolvimento local em Portugal*, 60-63.

Amaro, R. (2005) "Toda a economia deveria ser solidária". In *Jornal Pessoas e Lugares* (2) 31, 4-5.

Baptista, F. (1994) A agricultura e a questão da terra - do Estado Novo à Comunidade Europeia. *Revista Análise Social*. (29) 907-921.

Börjars, L. (2012) *Identity Development through Volunteer Tourism. A qualitative study of WWOOF volunteers' identity formation* (Dissertação de Licenciatura) Linköping University, Linköping, Suécia. Disponível em: <http://liu.diva-portal.org/smash/get/diva2:572242/FULLTEXT01.pdf>

Buarque, S. (1999) *Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável*. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA. Brasília: INCRA/IICA.

Campos, M. (2005) Economia Social. Uma outra forma de empreender, in *Jornal Pessoas e Lugares* (2) 31, 7.

Carvalho, P. (2012) Património e desenvolvimento em ambiente rural: lugares, rotas e redes. *Cadernos de Geografia Coimbra*, 30/31, 3-16.

Carvalho, N. (2009). Desenvolvimento Local Sustentável. A Agenda 21 Local como instrumento de política privilegiado para a sua implementação. *BARLIA - Revista Científica sobre Ambiente e Desenvolvimento* (5), 79-94.

Carvalho, N. & Borges, M. (2017) A institucionalização do desenvolvimento sustentável em Portugal: Estudo exploratório no contexto setorial do turismo. *EXEDRA: Revista Científica*. Publicação eletrónica semestral da Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra, 1, 6-28.

Castilho, M., Arenhardt, M. & Le Bourlegat, C. (2008) Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS. *Interações*, Campo Grande (10) 2, 159-169.

Chaves, M. (1991) A dimensão ecológica do desenvolvimento – elementos de reflexão sobre o conceito de «ecodesenvolvimento». *Cadernos de Ciências Sociais* 14, 99-115.

Comissão Europeia (2012) A política agrícola comum — A história continua. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.

Covas, M. (2007) A nova ruralidade como problemática educacional e como oportunidade para o desenvolvimento: algumas reflexões. *IX Congresso da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação* (26-28 de Abril) Funchal, Madeira.

Covas, A. & Covas, M. (2008a) Retratos portugueses de agricultura multifuncional. *VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: Saberes e Práticas* (25-28 de Junho) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Covas, A. & Covas, M. (2008b) A “agrocultura glocal”: os produtos “glocais” amigos do mundo rural. *VII CIER – Cultura, Inovação e Território* (23-25 de Outubro) Coimbra.

Creswell, J. W. (2014) *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Thousand Oaks: CA Sage.

Delicado, A., Almeida, A. N. & Ferrão, J. (2002). Caracterização do voluntariado em Portugal. *Seminário Olhares sobre o voluntariado: análises e perspectivas para uma cidadania ativa*. Lisboa, 10-11 Maio.

Franco, A. (2003) *A Revolução do Local. Globalização, glocalização, localização*. Brasília: AED.

Franco, A. (2008) *Escola de redes: tudo que é sustentável tem o padrão de rede: sustentabilidade empresarial e responsabilidade corporativa no século 21* [2] Curitiba: ARCA – Sociedade do Conhecimento.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001) *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.

Kosnik, E. (2013) “*Nourishing ourselves and helping the planet*” *WWOOF, Environmentalism and Ecotopia: Alternative Social Practices between Ideal and Reality*. (Tese de Doutorado) Victoria University of Wellington, Kelburn, Nova Zelândia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10063/3031>

Marconi, M. & Lakatos, E. (2003) *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Marques, M. (2016) *As motivações para o voluntariado. Estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior politécnico* (Tese de Mestrado) Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/14831>

Maycock, A. (2008): World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF) (<http://www.woof.org/>). *Journal of Agricultural & Food Information* (4) 9, 282-288.

McGehee, N. (2014) Volunteer tourism: evolution, issues and futures. *Journal of Sustainable Tourism* (22) 6, 847-854.

McGehee, N. & Santos, C. (2005) Social Change, Discourse and Volunteer Tourism. *Annals of Tourism Research* (32) 3, 760-779.

McIntosh, A. & Bonnemann, S. (2006) Willing Workers on Organic Farms (WWOOF): The Alternative Farm Stay Experience? *Journal of Sustainable Tourism* (14) 1, 82-99.

Melin, M. (2012) *Once Experienced, Never Ignored Active Learning as Tool for Behavior Change: A Case Study of World Wide Opportunities on Organic Farms*. (Tese de mestrado) Lund University Centre for Sustainability Studies, Lund, Suécia. Disponível em: <http://lup.lub.lu.se/student-papers/record/2760169>

Miller, M. (2012) *Organic Volunteering: Exploring Understrandings and Meanings of Experience*. (Tese de Mestrado) University of Waterloo, Ontário, Canadá.

Miller, M., Mair, H. (2015) Organic farm volunteering as a decommodified tourist experience. *Tourist Studies Journal* [15] 2, 191-204.

Mortágua, C. (1998) Existem ou não Práticas de Desenvolvimento Local no nosso país? *A Rede, Edição Especial - dez anos de desenvolvimento local em Portugal*, 18-21.

Neuman, W. (2014) *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Essex: Pearson Education Limited.

Nobre, S. (2001) Multifuncionalidade dos espaços rurais – os pontos de vista de um grupo de “urbanos ex-rurais”, em Trás-os-Montes. *IV Coloquio Hispano-Portugués de Estudios Rurales “La Multifuncionalidad de los Espacios Rurales de la Península Ibérica”* (7-8 de Junho) Santiago de Compostela, Espanha.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramos, F. (2001) Globalização e Identidade(s). *Revista Economia e Sociologia* 72, 61-73.

Rocha, R. [2009-2015] Relatório de Atividades. Estremoz: WWOOF Portugal Disponível em: <http://www.woof.pt>

Rodrigues, J. (2007) Crescimento, decrescimento sustentável e desenvolvimento ecologicamente sustentável. In *e-Working Papers CEAUP*. Centro de Estudos Africanos: Universidade do Porto.

Sá-Chaves, I. (2007) Cultura, conhecimento e identidade: Universidade e contemporaneidade. *Saber (e) Educar* 12, 9-28.

Sachs, I. (1990) Recursos, emprego e financiamento do desenvolvimento: produzir sem destruir - O caso do Brasil. *Revista de Economia Política* [10] 1, 111-132.

Sachs, I. (2002) *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond Ltda.

Saunders, M., Lewis, P. & Thornhill, A. (2007) *Research Methods for Business Students*. Essex: Pearson Education Limited.

Schmidt, L., Truninger, M., Guerra, J. & Prista, P. (2016) *Primeiro Grande Inquérito sobre Sustentabilidade - Relatório Final*. Lisboa: Observatório de ambiente e sociedade.

Serapioni, M., Ferreira, S. & Lima, T. (2013). *Voluntariado em Portugal: contextos, atores e práticas*. Lisboa: Fundação Eugénio de Almeida.

Silva, L. (2007) A procura do turismo em espaço rural. *Revista Etnográfica* (11) 1, pp. 141-163.

Silva, J. & Silva, S. (2008) A economia solidária como base do desenvolvimento local. *E-cadernos CES*, 2.

Stateva, E. (2010) *Harvesting authenticity: The significance of authenticity in the experience of volunteers at WWOOF farms in Portugal* (Tese de Mestrado) Radboud Universiteit Nijmegen, Gelderland, Holanda.

Veiga, J. F. F. (2005). *Território e Desenvolvimento Local*. Oeiras: Celta Editora, pp. 67-86.

World Commission on Environment and Development. (1987). *Our common future*. Oxford: Oxford University Press.

Yamamoto, D. & Engelsted, A. (2014) World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF) in the United States: locations and motivations of volunteer tourism Host farms. *Journal of Sustainable Tourism* (22) 6, 964-982.

Yin, R. Y. (2001) *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Fontes Web:

ANAC – Aviação e Proteção Ambiental: <https://www.anac.pt/>

INE – Portal do Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt/>

REA – Relatório do Estado do Ambiente, Portugal: <https://rea.apambiente.pt/>

Voluntourism internacional: <http://voluntourism.org/>

WWOOF Internacional: <http://wwoofinternational.org/>

WWOOF Portugal: <https://www.woof.pt/pt>